A ILLUSTRAÇÃO
LUSO-BRAZILEIRA.

LISBOA: — Anno 3$600 rs. — Semestre 1$920 rs. — Trimestre 1$000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 42. — Sabbado, 18 de Outubro de 1856.

PROVINCIAS — Franco — Anno 4$000 — Semestre 2$100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5$000.

SUMMARIO.

Excerpto da Chronica do padre Balthasar Telles — O Castigo do Senhor (continuação) — Bellas-Artes — Viagem á roda do toucador da minha Emilia (conclusão) — Constancia de jesuita (continuação) — Monumentos da campanha da Crimea — Pobre Luiza (continuação) — Litteratura dramatica — O palacio imperial em Pekin — Aphorismos — Cabo da Boa-Esperança — Prebischthor na Suissa — O grou da India — a mangueira — Chronica semanal.

Gravuras — O palacio imperial em Pekin — O grou da India — a mangueira — Prebischthor na Suissa — Monumentos da campanha da Crimea — Cabo da Boa-Esperança.

EXCERPTO DA CHRONICA DO PADRE BALTHAZAR TELLES.

Da boa escolha que ElRey D. Joám terceyro sempre fez de Governadores pera a India.

«Da boa eleyçam das pessoas, dependem os bons acertos de governo; e é grãde dita de hũ Rey saber fazer boas escolhas. Nam foy a menor das felicidades deste felicissimo Rey, nem a menor prova de sua grande prudencia, e vigilancia, a boa escolha, que sempre fez de Visorreys, e Governadores, q. em seu tempo teve na India: todos elles foram homens de grande authoridade, e conhecido valor: aqui os porey brevemente, nam fazendo mais, que nomealos, porque bastam seus nomes, pera serem conhecidos por suas obras, e tambem lhes nomearey seus pays, conforme costume, salvo se lhos tiver já apontados nos capitulos passados.

«O primeyro que em seu tempo governou a India foy Dom Duarte de Meneses, de quem ja faley, tam celebrado por suas memoraveis façanhas, assim em Africa sendo capitam de Tangere, como na India, sendo visorrey, o qual tinha partido com quinze náos, no anno de mil quinhentos vinte e hum. A este foy soceder o Conde Almirante Dom Vasco da Gama, tam cantado no mũdo todo, por primeyro descobridor da mesma India, o qual era filho de Estevam da Gama Alcayde mór de Sines, e partio de Lisboa por Visorrey, no anno de mil quinhentos vinte e quatro, com tres mil soldados, em dezaseis embarcaçõens, das quaes dez eram náos grossas de carga. Por sua morte, que foy sentidissima, sahio nomeado, no anno de mil quinhentos vinte e sinco, na primeyra via, por Governador, Dom Henrique de Meneses, do qual já faley, a quem faltou a vida, porque morreo mancebo, mas sobejou o esforço, porque foy muy valente. Por sua morte, no anno de mil quinhentos vinte e seis, entrar a governar Lopo Vaz de Sam Payo, filho de Diogo de Sam Payo, e de Dona Briolanja de Mello; o qual com sua conhecida valentia, e bons sucessos, que teve em seu governo, desempenhou bem as duvidas, que ouve na sua nomeaçam, com Pedro Mascarenhas, filho de Joam Mascarenhas (irmám do capitám dos Ginetes) e de Dona Maria Ribeyra. No anno de mil quinhentos vinte e oyto, foi de Portugal o Governador Nuno da Cunha, com onze náos muy fermosas, e, por espaço de dez annos governou, e acrescentou o estado da India, como soldado esforçado, e como capitám prudente. Depois no anno de 1538 lhe foy tomar o governo o Visorrey Dom Garcia de Noronha, filho de D. Fernando de Noronha, e de Dona Constança de Castro, ao qual sobejavam os annos da idade, mas não faltava o brio de valeroso. E porque por via de Veneza, tinha vindo recado, que o Gram Turco Solimám, armava contra a India, o fez elRey Dom Joám aparelhar com estranha brevidade, levando doze naos de muyto porte, nas quaes hiam, alem da outra soldadesca, oytocentos fidalgos, e criados delRey; e so a fama deste socorro bastou pera os Turcos, que estavão sobre Dio, deyxarem o cerco.

Ao Visorrey Dom Garcia socedeo na India, no anno de mil quinhentos e quarenta, Dom Estevam da Gama, de quem ja faley, igoalmente animoso, e piedoso: e a este foy de cá, no anno de mil quinhentos quarenta e hum, pera lhe tomar o governo, Martim Affonso de Sousa, que procedeo sempre como muyto esforçado, e como grande Christám. E no anno de mil quinhemtos quarenta e sinco, chegou a Goa por Governador (e tãbem foi Visorrey) Dom Joám de Castro, tam temido na India, e tam affamado no mundo; por cuja muy sentida morte, no anno de mil quinhentos quarenta e oyto, entrou por sucessám das vias Garcia de Sá, filho de Joám Rodrigues de Sá (Alcayde mor, e Veador da Fazenda no Porto, e frõteyro mor d'entre Douro e Minho) e de Dona Joanna de Albuquerque: era este fidalgo antigo na idade, e authorizado nos cargos: naquelle anno lhe chegâram quatorze naos do Reyno, e se bem foy, ditoso na prosperidade da paz, não foy ocioso nas preparaçoens da guerra. Seguiose por sua morte, no anno de mil quinhentos quarenta e nove, o Governador Jorge Cabral, filho de Joám Fernandes Cabral, Alcayde mor de Belmõte, e de D. Joanna de Castro; do qual conforme a opiniám do nosso Padre Maffeo, podemos dizer, q. se foy Romulo nas armas, tambem foy Numa na piedade.

«Logo no anno de mil quinhentos e sincoenta chegou á India pera a governar o Visorrey D. Affõso de Noronha, ou de Meneses (filho de Dom Fernando de Noronha Marquez de Villa-real, e de Dona Maria Freyre, irmám do Marquez de Villa-real Dom Pedro de Meneses) o qual Dom Affonso tinha sido Capitam muy esforçado em Ceyta, metendo medo áquelles Reys fronteyros de Africa; e na India foy terror dos Mouros de Cambaya, e dos Persas de Ormuz. Socedeo-lhe no anno de mil quinhentos sincoenta, e quatro, o Visorrey Dom Pedro Mascarenhas, de quem faley largamente no fim do quinto livro: por cuja morte, que foy em 16 de Junho de mil quinhentos sincoenta e sinco, entrou no governo Francisco Barreto (filho de Ruy Barreto, Alcayde mor de Faro, e de Dona Maria de Vilhena) a quem nam faltou piedade, pera as cousas da Religiám, nem animo com que poz freo ao Idalcâm, e a outros Reys da India.

«Estas foram as eleyções, que em seu tempo fez elRey Dom Joám Terceyro, estes os capitaens, que mandou governar a India, nos quaes bem mostrou sua celestial prudencia, e sua muy cuydadosa vigilancia: e estes foram os varoens assinalados, que em seu tempo honráram, e acrecentâram o estado da India, conquistandolhe muytas terras, entre as quaes foy Baçaim, cõ todo seu adjacente, item Salsete do Norte, Salsete de Goa, e as terras de Bardês, e outras muytas. E todos estes bons successos, com muyta rezàm se devem attribuir a este felicissimo Rey. De tam illustres capitaens, era elle tambem illustrissimo remunerador; antes por isso foram elles tam valentes pera acõmeter, porque elle era tam liberal em satisfazer, q. se ouver Cesares, que saybam dar, haverá Hercules que queyram peleyjar.»

O receio contrasta os gosos da dita, assim como a esperança contrasta as penas da desgraça: tudo no mundo tem compensações.

O palacio imperial em Pekin.

O CASTIGO DO SENHOR.

CONTO AO SERÃO.

Continuação

IX

TUDO ESPERANÇA.

— O que se passou durante os oito dias que se seguiram, disse Bertha, nem eu o sei, nem mesmo poderia valer para a nossa historia. Tudo tinha mudado.

Eduardo estava quasi restabelecido, e andava n'esta formosa manhã de que vou fallar, passeando com Laura no jardim: o amor tinha prendido estas duas almas puras. Laura não era já a mulher que não comprehendia o amor, porque amava ardentemente.

O desespero de Fernando que se vira despresado, tinha-o levado a exigir do Castigo do Senhor o cumprimen-

to da sua promessa; mas o velho que via que esse casamento agora seria a desgraça da sua Laura, e de mais a do seu verdadeiro filho, tentou persuadir Fernando que desistisse do que elle chamava — imprudente resistencia — mas o coração d'um velho pode saber supportar resignado o soffrimento, porém aos vinte annos, sem ter mesmo o caracter altivo de Fernando, domar-se-ha uma potencia, mas não se manda o sentimento; e Fernando passou do pedido á raiva, e jurou marchar até ao crime. O que ninguem sabia porém, é que elle se não esquecera do caminho do subterraneo, e que se associara aos bandidos, e que lhes pintara com côres bem negras o comportamento do que chamara seu pae, até então; pois lhes affirmou que tencionava denuncial-os e entregal-os á justiça, para poder ao lado da mulher que chegara antes, e casando Laura com o estrangeiro que viera com ella, libertar-se dos homens que o pretendiam dominar. Combinando tudo isto com a resistencia de Paulino para regressar ao palacio que se construira de novo, elles não lhes custou a prestar-lhe credito.

Fernando ponderou a necessidade de um homem energico que se oppozesse ao que elle chamava — nefandos projectos do chefe.

Uma voz o propoz aos salteadores; seguiram-a todos, e não rejeitou Fernando esse detestavel encargo, porque cego como estava pelo desespero do ciume, só via a sua vingança cumprir-se, e nunca os meios porque devia chegar-lhe ao exito.

Durante que a occultas isto se passava, Paulino com Luiza no salão conversavam a sós.

— Oh! Deus, dizia elle a si mesmo, quando chegará o momento em que possa não ter por companheiros taes homens, e conquistar pelo arrependimento a ventura de revelar ao meu filho os laços que nos unem!

— Meu amigo, disse Luiza, o nosso filho está livre de perigo, é impossivel permanecer aqui debaixo do asylo do crime; elle não comprehende como vos achastes ali, n'aquella noite, nem como o feristes. Tenho desejado fazer-lhe crer que foi o acaso; que descestes, e que os salteadores lhe concederam a vida com a condição do nosso silencio. Não quiz crer, mas eu assim lh'o jurei, oh! e que Deus me perdôe esta mentira, mas não creio que devesse contar a um filho a deshonra de seu pae.

— Obrigado, Luiza, obrigado! Dizia Paulino beijando a mão da pobre mulher, que continuava ainda:

— Debalde vos tenho supplicado que deixeis estes logares, que quebreis a todo o custo os laços que vos prendem ao crime — não quereis?

— Não posso, balbuciou elle, estes homens enviaram-me um dia esta carta, — e poz Luiza ao facto de todo o passado — já vês que se eu pretender fugir-lhe, o meu poder acabou, e a morte para mim e para os meus será inevitavel. Partireis, restituir-vos-hei ao mundo que me despresa, levareis o meu filho, que nunca poderei abraçar.

E as lagrimas corriam pelas faces descoradas do pobre e mesquinho Paulino.

— Mas essa partida, continuou ainda a mãe desvelada d'Eduardo, é agora impossivel d'esse modo. Quanto a mim, só vos vi no fim de tanto tempo para lamentar de novo a vossa ausencia; e para conhecer que não nos foi dado nem vivermos na vida, nem ainda nos permitte o Senhor que tenhamos a mesma sepultura. Estou resignada a tudo, aprendi largamente a soffrer. Mas...

— Que queres tu ainda, Luiza?...

E o Castigo do Senhor afastava os olhos como não podendo supportar o olhar da viuva de seu irmão, ou antevendo que uma nova desdita o ameaçava no fim de tanta dôr.

— Se eu puder, buscar-te-hei um dia, mas levando todas as cadêas que me prendem aqui, os meus filhos...

— Era d'isso que pretendia fallar-te, atalhou Luiza vivamente, Fernando Rogero...

— Sim, dizia o pae adoptivo do mancebo, com todo o ardor que pode dar uma amisade enraisada no coração por vinte annos, e que se prende ainda ás caricias infantis d'uma pobre creança que se abraçou no berço; sim, se não tenho podido domar o seu caracter que me faz tremer, amo-o como um filho querido do meu coração. Partido entre a ventura de Laura e a sua, não saberia eu o que deveria fazer, mas prendendo-se ainda essa ventura ao amor do meu, do nosso filho, eu não posso hesitar, além d'isso é justiça: unir uma creança aos vinte annos a um homem que detesta... ou antes que não ama, fôra o maior de todos os crimes. Laura será a esposa d'Eduardo; mas Fernando terá sempre em mim um protector, farei tudo que puder para que elle seja venturoso, sem que perturbe o limpido futuro da virgem innocente.

— Mas que não esqueça, Paulino, dizia ella, que esse homem ousou dizer-te que diante de coisa alguma poderia recuar!... nem mesmo de crimes.

E esse receio doloroso lavrava no espirito da desditosa mulher, a quem um fatal presentimento parecia mostrar a negrura do porvir.

— Laura, continuou a mãe, é um anjo de candura e de belleza; ama e é ardentemente amada.

— Todavia, e as magoas cravavam-se profundas no peito do Castigo do Senhor por não poder atinar no meio porque faria seus filhos venturosos egualmente, disse-me Laura que eu faria a sua dita ligando-a ao seu irmão de infancia, e fui eu feliz por tal; e depois vi desabrochar no seu virgem coração um vivo amor, e esse amor pelo meu filho, e certificou-me ella que eu faria a sua desdita ligando-a a quem primeiro me pedira. Meu Deus, meu Deus!

— Vê, porém, amigo — parecia que o temor materno em face do menor perigo que se antevê sobranceiro ao filho que se ama, estava n'este instante desenhado mais no rosto de Luiza, do que mesmo nas suas proprias palavras, — vê, que Fernando tornado rival do nosso filho, será um inimigo jurado, que unicamente poderia o Senhor tocando-lhe a alma domar-lhe os impetos apaixonados e salvar assim Eduardo d'um perigo de cada hora; ou então só pode o sepulchro abrindo-se para um dos entes que te são caros, terminar tão dolorosas lutas.

— Virgem Santa! dizia o chefe dos bandidos, erguendo ao ceo as mãos tremulas, pela edade, e pelo terror justo do futuro, será verdade que os filhos sejam punidos pelos crimes de seus paes, e que ainda os que não tem o nosso sangue, mas que unicamente se acoitam á sombra do nosso amor, devam soffrer por nós tambem?! Porque não previ eu o amor de Laura?! Porque não afastei a tempestade em quanto ella rugia ao longe?! Oh! como eu poderia então evitar as desgraças que antevejo.

— Que podes, atalhou rapidamente Luiza, que nada mais sentia do que amor pelo filho do seu coração, e que não tinha como Paulino a sua alma dividida entre affectos encontrados que juntos não podia realisar, que podes arremessar para bem longe, renunciando á companhia de Fernando.

— E como?

— Tu és rico, as terras distantes podem dar-lhe o esquecimento do seu amor no centro dos prazeres.

— Oxalá, disse elle, que por punhados de oiro eu podesse fazel-os venturosos! Bem, tentarei Luiza; Laura é um anjo que não tem mais do que reconhecimento e respeito, terei por ella sómente dedicação e affecto. Pedirei a Fernando que parta, que não faça a desdita de sua irmã, fazendo desgraçado um infeliz, que nada mais fez do que merecer pela vontade do Senhor a estima elevada d'um coração cheio de pureza, e juntando ainda a tantos males, a morte inevitavel de quem o impediu de morrer á fome e ao frio! Porque eu te juro, minha excellente amiga, eu não poderia supportar esta luta que de novo se interpõe entre mim e o futuro.

E as forças, e a energia que ergueram pela coragem no crime e nos tormentos o chefe destemido que tinha por bandeira *morte e destruição*, pareciam ter já abandonado o que amarrado á vida por sessenta annos, já lhe não podia supportar o peso immenso.

— Laura, dizia Luiza, votou-se ao nosso bom, ao nosso filho querido; elle é rico e honrado, graças á fortuna e aos exemplos que recebeu obediente do homem a quem chama hoje seu pae, e por cuja memoria elle derrama ainda verdadeiras lagrimas de saudade! Crê, Paulino, elle ama perdida e loucamente essa menina, as suas duvidas.. o que o prende talvez, é não poder explicar os mysterios que o rodeiam, e não se atrever a profundal-os com medo de ficar abysmado no passado. Separal-os é dar-lhe a morte. Tu, meu amigo, bradava a pobre no auge da inspiração com que Deus anima a supplica da mulher, que pede por essa parte da sua alma, que abençoa em cada dia, e em cada hora; tu, não queres tornar Eduardo desgraçado? Não.

E n'este momento as nuvemsinhas brancas que de pouco em pouco embaciavam o brilho do sol, afastaram-se e chamaram Paulino junto da janella que deitava para o jardim; viu ao longe Eduardo que convalescente se apoiava ainda ao braço da sua Laura; o amor paternal desenhou-se-lhe então na fronte. Era o anjo do sentimento que lhe arrebatava a alma para o extasis de contemplação d'um filho idolatrado. A corrupção fulmina e entenebrece todas as nobres affeições do espirito, mas mal se atreve a ver ajoelhado o que ha de grandioso e sublime no suave sentir pelo filho que de nós nasceu. Os filhos pedaços das entranhas, como diz Zorilla, são, digo eu tambem, uma parte d'alma.

— Sim, Luiza, bradou elle, irás, levarás o filho, que se o foi do meu crime, o foi tambem do mais energico amor; partirás, e em pouco Deus me dará poder de afastar-me para longe d'aqui. Laura hade acompanhar-me, não sei que voz intima me falla em nome do Senhor que heide cumprir o que desejo; que a taça dos meus tormentos dolorosos foi esgotada emfim. Fernando irá para a Hespanha, Italia, para onde lhe aprouver, e nós seremos ainda felizes... cortou Deus a nossa ligação ha vinte annos, mas não quererá impedir que morramos debaixo do mesmo tecto; que os nossos filhos nos fechem os olhos.

E apertava Luiza nos seus braços, crendo já verdade todas as venturas que sonhara.

— Vae, continuava elle, dize que partirás amanhã; não vás para o palacio d'além da encosta do monte; parte de novo para o logar d'onde viveste ao lado do meu nobre irmão, as suas cinzas me darão coragem de poder para sempre renunciar ao crime.

— N'esse caso, tornou ella, esperarei; iremos todos.

— Não. Vae tu e o nosso filho, disse Paulino, eu como chefe te poderei conceder esta partida sem que receiem pelo nosso segredo, que tu guardarás inviolavel. Convencerei Fernando... e oxalá que o permitta o Omnipotente... e logo que elle tenha abandonado estes logares, ao lado de Laura buscarei a tua morada onde espero ser feliz; e elle, minha Luiza, o meu Eduardo, o nosso filho, não poderá perguntar então: — Com que direito vem este homem estrangeiro entranhar-se no seio da nossa familia? Elle pensará sómente na ventura de ver de novo a virgem do seu amor; amar-me-ha como o pae da mulher que ama; e quem sabe? talvez um dia eu possa contar-lhe o meu segredo e abraçal-o como filho. O arrependimento marcha na frente do perdão.

— Muito bem; seja como disseste, disse Luiza crendo certo o idealisar futuro do que se tornara de ha tanto o arbitro do seu coração.

E correu a mãe ao encontro do filho para que no dia seguinte elle, já restabelecido, a acompanhasse, deixando a casa de Paulino; e saindo por um lado, em quanto o Castigo do Senhor saía pelo opposto, para buscar Fernando afim de que elle quizesse acceitar de seu pae a offerta de viajar pela Europa, dirigia-se a filha do cavalleiro D. Ramiro ao jardim em que suppunha ainda Eduardo e Laura. Ao mesmo tempo que se fechavam as portas por onde sairam Luiza e Paulino, a porta do topo da sala abria-se, e Laura e Eduardo acabavam d'entrar.

Continua. F. Soares Franco, Junior.

BELLAS-ARTES.

Um estatuario de inspiração, e o concurso para o logar de substituto á cadeira de esculptura da Academia das bellas-artes de Lisboa.

O verdadeiro artista nasce: o estudo para elle é apenas como o lapidario para o diamante, que, faceando-o, não faz senão arrancar o veu aos focos de luz que nos seios da pedra aguardam só pelo esforço da arte para se manifestarem em raios de fulgurantes e infinitas côres.

Se esta verdade não fosse percebida por todos os nossos espiritos esclarecidos, bastava o exemplo que apresenta actualmente o concurso da Academia das bellas-artes, para a proclamar, e com as provas á vista. A pequena estatua de Moysés, modulada pelo sr. Bastos, é uma brilhante demonstração d'esta maxima. O sr. Bastos, lente de desenho no instituto de Coimbra, nunca foi estatuario, nunca encetou sequer o curso de esculptura, e até cremos que poucos teem sido os trabalhos de moldagem em que haja experimentado as tendencias da sua vocação; mas é que o joven pintor sente em si aquelle fogo intimo, aquelle *diable au corps* a que Boileau chama *influencia secreta*, e Topffer o sexto sentido, que em nada participa dos outros, mas que se serve d'elles como de humildes escravos, e é por isso que o sr. Bastos, sentindo annunciar um concurso, isto é, um certame em que o seu talento de artista podia achar as provas em mais uma manifestação, correu de Coimbra a Lisboa a solicitar uma entrada n'essa luta pacifica em que a arte ganha e as vocações se desinvolvem, porque nas almas acesas pelos esplendores da inspiração a confiança em si não é a audacia da immodestia, é a necessidade de produzir o que um poder occulto sente, é um acto natural e necessario da idéa que procura manifestar-se debaixo de uma forma com que se identifica.

Não pareça exageração, que estamos promptos a entrar na analyse da asserção, e a sustental-a com os intendidos, mas o trabalho do sr. Bastos, considerado de toda a altura de um talento que reage tão abertamente contra o mau gosto e theorias obsoletas que por ahi educam o esculptor, marca um grande progresso no mundo das idéas a respeito das coisas da arte entre nós. E é justamente da falta que se pretende assacar ao talentoso mancebo, que lhe provém, tão energica, tão virgem dos preconceitos que só lhe poderiam obscurecer a phantasia e acanhar a idéa, essa maneira elevada, epica, com que elle concebeu em geral o seu trabalho, e ainda mais a felicidade com que o realisou.

Os cathedraticos, os commentadores de Cesar Rippa, sentem-se tomados de *nobre indignação* contra o attentado do joven artista, que, sem ter cursado a aula de esculptura da nossa Academia, se abalançou a competir nas provas para a escolha do lente substituto. Nós já os vemos levarem a mão ás cabelleiras e sorrirem de desdem, elles, a tradição viva da immobilidade da arte, cingindo as vestes apparatosas de toda a vaidade academica! Pois nós intendemos que foi justamente essa chamada falta que salvou o sr. Bastos de um naufragio certo. Acreditamos muito na força instinctiva, no poder revulsivo de uma vocação que já se produz nos traços tão eloquentes de uma individualidade que não se filia, nem o mais remotamente, em qualquer dos systemas ou escolas entre nós fatalmente introduzidos; no entanto, o talento do joven concorrente, que, longe da atmosphera das chamadas theorias academicas, theorias que sem comprehenderem os destinos da arte a reduzem aos seus processos mais essencialmente mechanicos, se desinvolveu tão promettedor para as mais audazes concepções, se houvesse respirado aquella atmosphera da nossa Academia e crescido á sombra das folhas de Vasari apostilladas pelos nossos Miguel Angelos, em vez de uma estatua que se inspira da singeleza grandiosa do cinzel grego, haveria creado mais uma d'essas disformidades gothicas que parecem sacadas do portal de uma cathedral, para enriquecer o museu do instituto das artes de Lisboa. O que seja a Academia sem a força raciocinaria do talento proprio, o que valham as suas falsas idéas sobre a interpretação, o que ensinem os seus methodos ao artista que in-

tente reproduzir as tradições da historia no marmore ou manifestar os impulsos do seu mundo ideal, dil-o de sobejo a estatua do sr. Caggiani. Olhem para o Moysés d'este alumno e para o do sr. Bastos, mas olhem com esclarecida e imparcial reflexão, e conhecerão toda a distancia que vae de uma obra que reproduz todos os defeitos de um methodo de ensino que não passa das noções mais obscuramente technicas da estatuaria, a uma obra que o talento produz n'aquelles seus raros momentos em que, como uma potencia divinatoria armada de toda a faculdade da realisação soberana, nada ha que lhe seja desconhecido, nem difficuldade que se lhe opponha.

É só assim que se explica o improviso do sr. Bastos, porque a sua estatua de Moysés é um improviso, mas um improviso do homem que nunca tinha devassado as regiões por onde voaram, deixando os traços de luz que ainda hoje deslumbra, os genios admiraveis de Phidias e Buonarroti.

Que não mencionamos esta circunstancia para propiciar a critica em favor do trabalho do sr. Bastos; porque o seu trabalho desafia a critica, provoca-a até, e a analyse compraz-se em descer a muitas das mais difficeis investigações, porque encontra antes no Moysés do joven esculptor os resultados que só o estudo, a longa pratica, e os esforços successivos obtem, do que apenas uma prova de propensão artistica em que o talento seja ainda atraiçoado pela mão inexperiente, hospeda nos processos propriamente technicos da arte de moldar. E se juntarmos a isto que o sr. Bastos, como pintor, nunca a sua vocação foi especialmente desinvolvida debaixo das tradições e themas da pintura historica, que de certo concorre para fecundar a imaginação do estatuario e prestar-lhe grandes auxilios á concepção e composição dos seus trabalhos pelas analogias que se despertam e atam entre si estas duas artes de desenho; se notarmos este facto, o louvor deve de ser muito maior, porque maiores foram as difficuldades que houve a vencer. Do sr. Bastos nunca tinhamos visto até agora senão quadros de *genero* e alguns retratos; por isso a surpresa foi immensa, quando, contra a natureza dos seus estudos, e até, segundo suppunhamos, contra as predilecções da sua indole artistica, o fomos encontrar estatuario, e estatuario entrando pelas edades mais sublimemente epicas da historia e da religião. Mas a verdade é que o verdadeiro talento tem liberdades, cujo arrojo justifica nos resultados. E é porque sabe que pode voar, que abre as azas e fende os ares com vôos de aguia. A mediocridade só é que não vôa, ou se vôa é para repetir ainda mais uma vez a fabula de Icaro.

Digamos duas palavras sobre a escolha do thema do concurso, e a maneira porque o concebeu o sr. Bastos e o realisou.

A Academia deu para o ponto de estudo Moysés. A Academia, á força de querer ser classica, não faz as mais das vezes senão levantar difficuldades em que se compromette, compromettendo os seus. Ainda nos lembra do celebre thema do concurso de Diogenes dialogando com Alexandre no seu tonel, que originou interpretações de eterna vergonha para o nosso instituto de bellas-artes. O assumpto de Moysés não está por certo n'este caso. Tem no entanto comsigo a grande difficuldade de todo o assumpto tratado já por um genio eminente. Para o artista de consciencia e illustração, a idéa só de que é a melhor obra de Miguel Angelo o thema que lhe submettem a provas, e de cujo resultado depende a sua victoria n'um concurso, não pode deixar de influir na sua imaginação, acanhando-lhe os horisontes da composição só com o receio de ser taxado de plagiario. E ainda mesmo, considerado sob a inspiração das tradições do *Antigo Testamento*, não vemos que o grande legislador hebreu tenha achado interpretes de um rigor verdadeiramente historico. Ao proprio Moysés de Miguel Angelo, ao prodigio da estatuaria moderna, se atreve a critica, censurando-lhe a impropriedade das vestes mais mythologicas que hebraicas, e sobretudo varios pontos de comparação com o Jupiter Olympico de Phidias. Phidias inspirou-se de Homero como Miguel Angelo se inspirou da Biblia; mas ambos quizeram só produzir, sob uma forma perfeita, a mais alta faculdade do pensamento. O deus grego e o propheta hebreu, saidos do marfim e do marmore, exprimem o mesmo designio, uma idéa commum, o genio da sabedoria na sua magestade serena. É por isto que o divino estatuario de Arezzo, seguindo o impulso das suas cogitações sublimes, parece fugir, na apparencia, das indicações biblicas, e dar um aspecto extremamente ideal ao marmore que soube animar de todo o sopro da sua inspiração.

Mas em que ponto do Pentateuco se inspirou o sr. Bastos? Foi no Exodo, quando Moysés na presença de Pharaó converte em cobra a vara de Arão? quando faz rebentar um manancial de agua viva do rochedo miraculoso para apagar a sêde do seu povo? quando ao seu gesto imperativo se abrem as aguas do mar Vermelho? ou n'esse momento de ira terrivel, em que descendo do Horeb, quebra as taboas da lei, indignado de ver o povo de Deus adorando o bezerro de oiro? Foi porventura no Deuteronomio, n'esses ultimos mas sublimes instantes em que rodeado dos anciãos das tribus, ergue o ultimo canto a Jehovah, antes de subir ao monte Abarim? Não é facil dizel-o. O Moysés do sr. Bastos não exprime exactamente nenhuma d'estas phases da vida do legislador hebreu: o artista idealisou por certo o assumpto; mas conhece-se que leu e se compenetrou de toda a magestade primitiva dos tempos biblicos, e que soube inspirar-se do verdadeiro espirito de elevação que respira o vulto tradicional do propheta do Sinay.

O que mais admira n'esta estatua é a simplicidade de meios empregados pelo joven esculptor; é a attitude energica do personagem, manifestada por uma grande verdade e harmonia de linhas. N'aquella cabeça estudada e moldada pelos primores do cinzel grego, mas onde se vê respirar a magestade austera do typo hebraico, resplandece a belleza mais que humana do pensamento que procura nas vagas confusas dos seculos decorridos o destino dos seculos futuros, pensamento que foi o revelador do codigo da sabedoria mais perfeita, do epilogo de moral mais completo, que propheta legislador pode promulgar e os povos da terra teem ouvido.

A physionomia do antigo patriarcha ainda não está arrugada pelos sulcos da amargura suprema que as angustias do seu povo lhe cavaram bem fundo; mas na fronte, reflectida e serena, brilha o saber dos annos e da experiencia, e na face vê-se a tristeza pintada, não a tristeza vulgar da alma humana,—a saudade dos prazeres que fogem, a amarga ironia das satisfações alheias, ou o exaspero de faculdades que se extinguem,—mas a tristeza da grandeza de espirito que prescruta, que deseja corrigir as coisas e os homens e que não pode. É n'este transe de afflicção intensa, de desesperança quasi, que a sua attitude assume um aspecto irado, e que de mão erguida ameaça o povo ingrato que se esquece dos beneficios do Senhor.

Uma das coisas que mais attrahem n'esta bella composição, é o estylo grandioso da roupagem: é puro estylo grego da melhor epoca: singeleza e harmonia de linhas, o que caracterisa com elevação a magestade epica dos tempos primitivos. Para obter este resultado, o sr. Bastos teve por força de estudar muito de natural, de compor com sobriedade, de corrigir com imaginação, pois só assim se consegue evitar o *maneirismo* da escola chamada historica entre nós, e, ainda mais, a exuberancia bysantina de pregagem de que a Ajuda apresenta deploraveis modelos. As dobras que partem do hombro esquerdo, e pendem impellidas pelo gesto, são de uma elegancia simples, e como que ajudam a acção do braço, dando-lhe naturalidade e energia. N'este braço, porém, não nos parece que haja completa verdade physiologica, mas ha n'elle incontestavel estudo anatomico. O avambraço, na *pose* que o artista imagina a figura, não pode tomar aquella direcção sem esforço notavel, e da mesma forma a mão. É este o maior defeito que achamos ao trabalho do sr. Bastos, ou talvez um dos unicos; e ainda assim estas pequenas incorrecções desapparecem no conjunto de bellezas de que estão rodeadas.

Além da estatua de Moysés, o sr. Bastos tambem fez um impromptu, cujo thema é Abrahão recebendo os tres mancebos. No impromptu a parte erudita não nos parece que esteja bem desinvolvida, mas quanto á parte technica, é um estudo que prova a franqueza e correcção com que o artista consegue moldar os assumptos de mais difficil composição.

Com o sr. Bastos concorreram o sr. Caggiani, discipulo da Academia, a cujo trabalho principal já nos referimos, e o sr. Bordallo que tambem cultiva as artes de desenho. Até esta hora ainda não sabemos do resultado do concurso, (*) mas parece-nos que não pode ser duvidoso pela grande desegualdade de merito que se observa entre os tres diversos estudos.

Em todo o caso, nós, pela nossa parte, não duvidamos desde já de comprimentar no sr. Bastos um futuro estatuario e um artista de verdadeira e incontestavel distincção. A sua estreia é mais que uma habilitação, é já um diploma: e diplomas de similhante natureza não os oblitera a inveja, nem amesquinha a vaidade fofa de certa gente. Valem pelo que são, e são o que valem.

ANDRADE FERREIRA.

(*) Quando escrevemos este artigo ainda a decisão do jury não estava publicada. Hoje, porém, já se acham confirmadas todas as prevenções que havia em favor do sr. Bastos, pois foi elle o preferido no concurso. Damos pois os emboras á Academia das bellas-artes de Lisboa pelo novo lente substituto que admitte no seu gremio, e uma nova era auspiciamos á aula de esculptura em especial pelo talentoso mancebo que vae necessariamente influir no seu systema de ensino.

VIAGEM Á RODA DO TOUCADOR DA MINHA EMILIA.

MEMORIAS DE UM NOIVO.

Continuação

XV

As flores são a linguagem do coração.

Da sua disposição, e das suas côres, servem-se os amantes para se corresponderem.

Ha tratados que o explicam, e eu não estou disposto a repetir aqui a lição.

Porém quero que a minha Emilia sempre as tenha no seu toucador tão bellas e tão frescas como se n'aquella hora fossem apanhadas.

A minha Emilia ama as flores: é louca por ellas. E quem não hade amar as pobres innocentinhas que saem tão formosas da mão da natureza, tão esbeltamente matisadas, e tão fragrantes?!

Para as não amar era necessario não ter coração; e a minha desposada tem-o, e bem sensivel.

E quantas d'essas singelas florinhas não são a imagem da vida?

Quanta poesia não tem os homens descoberto n'ellas?

A rosa encarnada similha a pudibunda donzella ao córar quando se lhe dirige a primeira palavra de amor; a branca, a virgem innocente cujo coração ainda não palpita por tão grato e tão doce sentimento; a amarella, a infeliz cujo amor não foi correspondido, ou, o que ainda é mais desgraça, mal comprehendido e peior recompensado.

O lyrio traduz as dóres do coração; a açucena a pureza da alma; a violeta o perfume da virtude; o amor-perfeito é o symbolo do grato sentimento que expressa; a perpetua a significação da constancia.

Finalmente não ha flor nenhuma que se não tenha apropriado a um sentimento da vida!

E quem ha ahi que esqueça o singelo malmequer campeando suas galas pastoris?

Quantas vezes o não hei consultado!

Ainda na primavera d'este anno fui uma tarde com a minha Emilia passear ao campo.

As flores campestres eram a mil por entre aquella espontanea efflorescencia da natureza.

Divisámos uma moitasinha de malmequeres amarellos e brancos, e corremos para ella com aquella sofreguidão propria de quem espera ler no oraculo o seu futuro.

O malmequer colhido por Emilia era branco: o meu, amarello.

Pulsou-me o coração com violencia ao colhel-o. Nunca sympathisei com aquella côr.

Estive a pontos de o arremessar para longe de mim, e colher outro; porém Emilia disse-me que não, pois a escolha faria perder o lance da sorte.

Ah! como o coração é presago!

Liguei a minha esperança á simples folha de uma flor.

A ultima que desfolhei disse-me: «*malmequer!*»

Emilia, que já tinha acabado de desfolhar a sua, correu para mim com os braços abertos, e lançando-m'os por cima dos hombros, disse-me: «Sou feliz.»

A ultima folha do seu malmequer havia desmentido o nome á flor: tinha-lhe certificado o meu amor.

Meus primeiros intentos foram repellil-a.

Louco que estava então!

Seus olhos brilhavam de amor, seus labios radiavam de sorriso — seu estado enebriante subjugou-me.

Deixei-me abraçar.

Foi então que ella, reparando em a nuvem de tristeza que me assombrava a fronte, me perguntou o que tinha.

Narrei-lhe a minha desventura — o triste presagio d'aquelle maldito malmequer amarello.

Sorriu-se, e disse-me se eu acreditava mais n'uma flor, cujo numero de folhas dependia do capricho da natureza, do que nas provas que até ali me havia dado do seu amor?

Reconheci a minha semrazão, e calei-me.

Ella sellou ás nossas pazes dando-me um beijo na fronte.

D'ahi por diante nunca mais eu pude ver um malmequer sem tremer...

Sim, quero todas as flores no toucador da minha Emilia... todas.

Uma só está expulsa para sempre d'ali.

É o malmequer!

XVI

Não houve pincel que reproduzisse na tela as feições da virgem animadas e santificadas pela graça divina como o de Raphael.

Alcancei uma formosa copia d'um dos seus quadros, e eil-a ali pendente em rica moldura.

Quando a minha Emilia, ao erguer-se da cama, vier aqui alisar seus cabellos, hade ser o seu primeiro cuidado erguer os olhos para este quadro, e invocar a Soberana Virgem que n'elle se representa.

Que orações tão repassadas de amor e carinho lhe não subirão do coração aos labios invocando esta poderosa intercessora?!

Quantas vezes não pronunciará n'ellas o meu nome n'esses efluvios de uma santa religião?!

Que melhor modelo de esposa e de mãe eu podia escolher para a minha Emilia?

A oração rebenta pura dos labios do homem ainda o mais impio quando contempla um d'estes quadros santificados pela religião.

Ali sob aquella imagem se considera a mulher forte que teve constancia para vencer as proprias dóres só pela grandeza do sacrificio a que ellas ajudavam.

Ali o requintado carinho da mulher submissa que sendo senhora do mundo se apresenta como serva do que a escolheu para esposa!

Ali o ternissimo affecto de mãe soffrendo nas dóres do filho os padecimentos alheios!

Ali a Virgem immaculada padecendo todas as dóres da maternidade para salvar aquelles mesmos que haviam de amargurar seu purissimo coração!

Ali emfim todas as virtudes da terra unidas ás grandezas do Ceo para significarem a verdadeira e a unica mulher!

XVII

N'estas horas de recolhimento e oração nem eu proprio transporei o limiar d'esta casa de toucador.

O coração da esposa e da mãe precisa durante o dia uma hora de desafogo para se expandir a occultas e em segredo.

Não é necessario que a martyrisem dôres para exigir este isolamento.

Tambem a alegria e o muito amor carece d'estes soliloquios.

As lagrimas da satisfação correm tão abundantes como as da amargura, e tanto umas como outras teem o seu mysterio.

Ha desafogo mais santo n'este recolhimento.

A alma como que se solta de todas as suas ligações terrenas para se voltar para Deus que é a origem de todas as alegrias.

Não quer testemunhas para este mystico entretenimento com a divindade.

Interrompel-a n'estes soliloquios é uma profanação.

O pae, o esposo, ou o filho devem adivinhar estas horas de isolamento para as não perturbar — devem mesmo provocal-as, afastando-se discretamente.

Eu prefiro para este commercio da creatura com o Creador, as horas da manhã. Ha n'ellas uma especie de mysticismo para agradecer ao autor dos nossos dias a mercê de nos ter arrancado aos braços do irmão do sepulchro, que é o somno, concedendo-nos mais outro dia de existencia; para lhe pedirmos um novo dia de alegrias; para lhe encommendarmos novos momentos de ventura na companhia dos entes que nos são caros.

Tambem a natureza ao sair do lethargo em que a noite a sepultou, escolhe esta hora para enviar os canticos e os perfumes ao seu autor.

Quando a noite vem cobrir a creação com os seus mysterios, parece que esta se cobre tambem com o negro manto em que a atmosphera se involve.

Tem a noite uma especie de taciturnidade que se não combina com a alegria do coração que se dirige a Deus.

. . . . . .

XVIII

Para me resarcir d'estas horas terei outras de casta voluptuosidade.

Defronte da janella colloquei o seu guarda-vestidos. Na parede que forma angulo com aquelle está a sua commoda. Fronteira a esta fica uma ottomana.

N'esta estarei indolentemente reclinado n'essas horas do crepusculo que decorrem entre o dia e a noite, vendo vestir-se a minha Emilia que me pediu para a levar a um baile.

Não heide ser d'esses maridos que ao sair da porta da egreja onde se receberam, fecharam com ella ás suas mulheres todas as portas dos divertimentos, ainda d'aquelles onde se encontra um prazer honesto.

Não.

A minha Emilia hade divertir-se segundo o seu estado.

Ella propria é que deve tomar em tedio muitos d'esses divertimentos, e me despersuadirá de irmos a elles.

Far-lhe-hei então a vontade, e ella m'o agradecerá julgando que lh'o faço por fineza, quando cumpro com os meus desejos que são vêl-a sempre junto a mim, e só para mim.

Não o advertirá, nem deixarei que lh'o advirtam, que assim são as mulheres amigas de que não as contrariem.

. . . . . .

A minha Emilia acabou de cingir as meias com as suas ligas e vae calçar os sapatos.

Ateimo com ella e digo-lhe que apertou de mais as ligas, e depois não pode dançar sem se molestar.

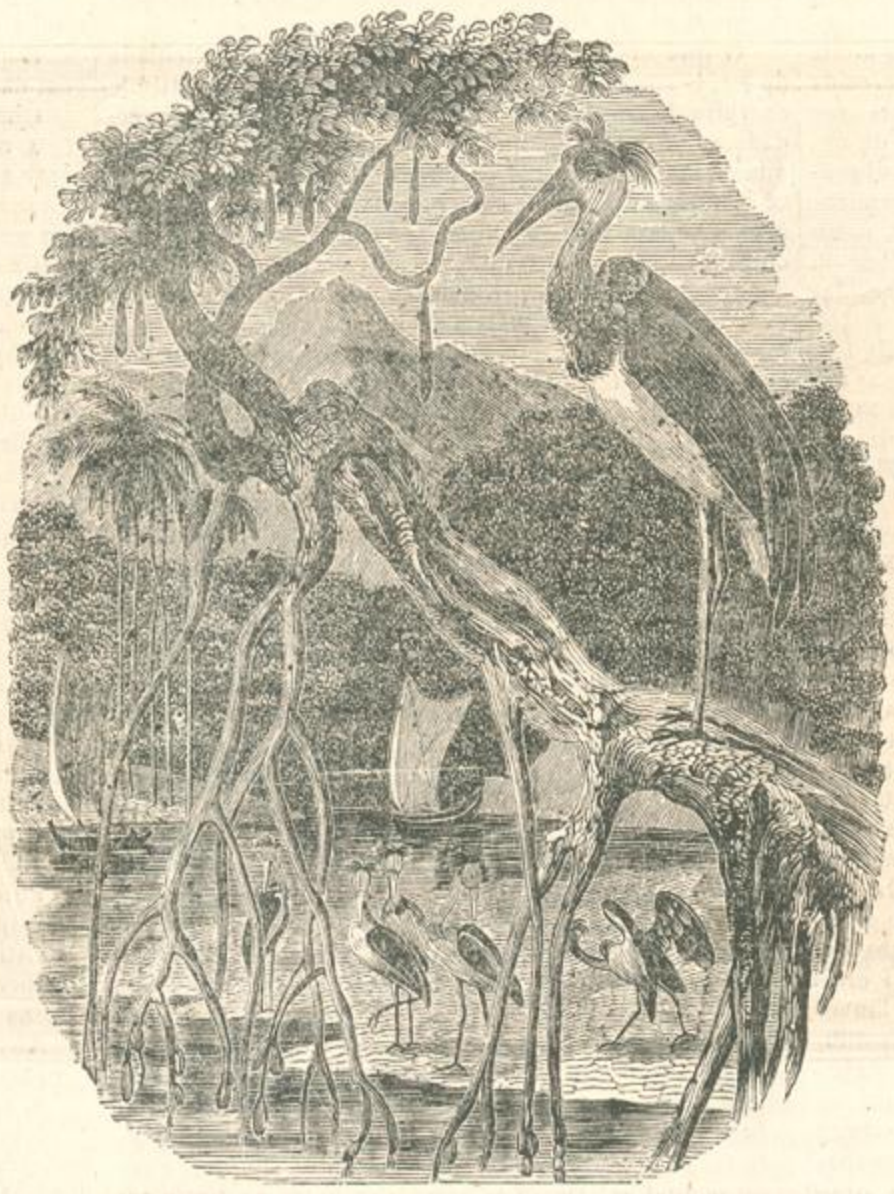
Responde-me que não.

Insisto.

Replica-me que são elasticas, e dão de si.

Vou provar-lhe que a razão está por meu lado introduzindo o dedo entre a liga e a meia.

Esquiva-se-me.



O grou da India — A mangueira.

Torno a sentar-me dando mostras de arrufado.

Sorri-se, e vae destramente calçando um pequenino sapato, onde o pé parece entrar a custo; e arregaçando um pouco mais do lado que está voltado para mim as alvas saias, deixa a descoberto a mesma perna em que ha pouco me não permittiu tocar!

Mulheres!

Como ellas teem artes para compor certos arrufos!...

. . . . . .

XIX

Envergou o collete.

O atacador é tão comprido que a embaraça algum tanto a puxal-o.

Não quer chamar a criada, porque estou ali, e me offereci para a vestir.

Conheço-lhe o constrangimento, e tenho piedade d'ella. Vou prestar-lhe meus bons officios.

Percebeu-me a intenção, mas fingiu ignoral-a, e furta-me o corpo.

Um gesto mais severo, que o espelho logo lhe retrata em minhas feições, obriga-a a voltar-me o rosto, e dar-me um beijo...

Estão feitas as pazes.

Emilia já se não oppõe aos meus serviços, e o espartilho fica prestes atacado, não sem uma pequenina altercação entre nós a respeito do aperto do atacador, o que lhe prohibo porque a sua constituição é mui debil, e d'isto tem provindo muitas phtysicas, ao que ella oppõe a desculpa de se não poder depois acolchetar o vestido!

. . . . . .

XX

Parece-me que a renda da gola da sua camisa sae demasiadamente para fora do collete, e portanto ficará á mostra sobresaindo ao decote do vestido.

Faço esta observação á minha Emilia.

Ella é da mesma opinião, mas não consente que seja eu quem lhe esconda a renda.

Como sobresae do lado da frente, diz-me que tem o espelho para aperfeiçoar estas ninharias de vestuario.

Insisto; e já as minhas temerarias mãos vão esconder-lhe a renda entre o collete e o seio, quando encontro o primeiro obstaculo que é a barba do espartilho, que m'as comprime por tal forma que não sou senhor de a ageitar.

Nem tempo tenho para vencer esta difficuldade, porque Emilia lançou a toda a pressa mão da sua saia de crinoline, e encastellada n'esta moderna Malakoff já lhe não posso chegar, por mais que estenda o braço!

Desde este momento Emilia não é minha, mas tambem não é de ninguem . . . . . .

. . . . . .

XXI

Está completamente vestida, e agora é que começam as nossas dôres e as nossas ancias.

Falta-lhe o lenço e o leque, e por causa da roda das saias não pode chegar á commoda onde estão estes indispensaveis objectos.

Pede-me que lh'os dê.

Vou buscar-lh'os, estendo o braço para lh'os entregar, mas qual!...

Feliz pensamento!

Lanço mão da minha bengala, prendo-lhe n'um dos extremos ambas as coisas. Ella estende o braço, e assim conseguimos, com bastante custo, vencer as difficuldades!

Heide prohibir á minha Emilia esta moda, que será muito boa para as solteiras afastarem de si os impertinentes, mas para os maridos....

Não! Não lh'o prohibirei.

Não ha coisa mais caprichosa do que a moda, e a moda passa.

Sómente lhe pedirei que não use crinolines por casa, visto que sou seu marido.

. . . . . .

XXII

Estamos na porta da rua promptos a embarcar no caleche.

Acabou a minha viagem em roda do toucador de Emilia.

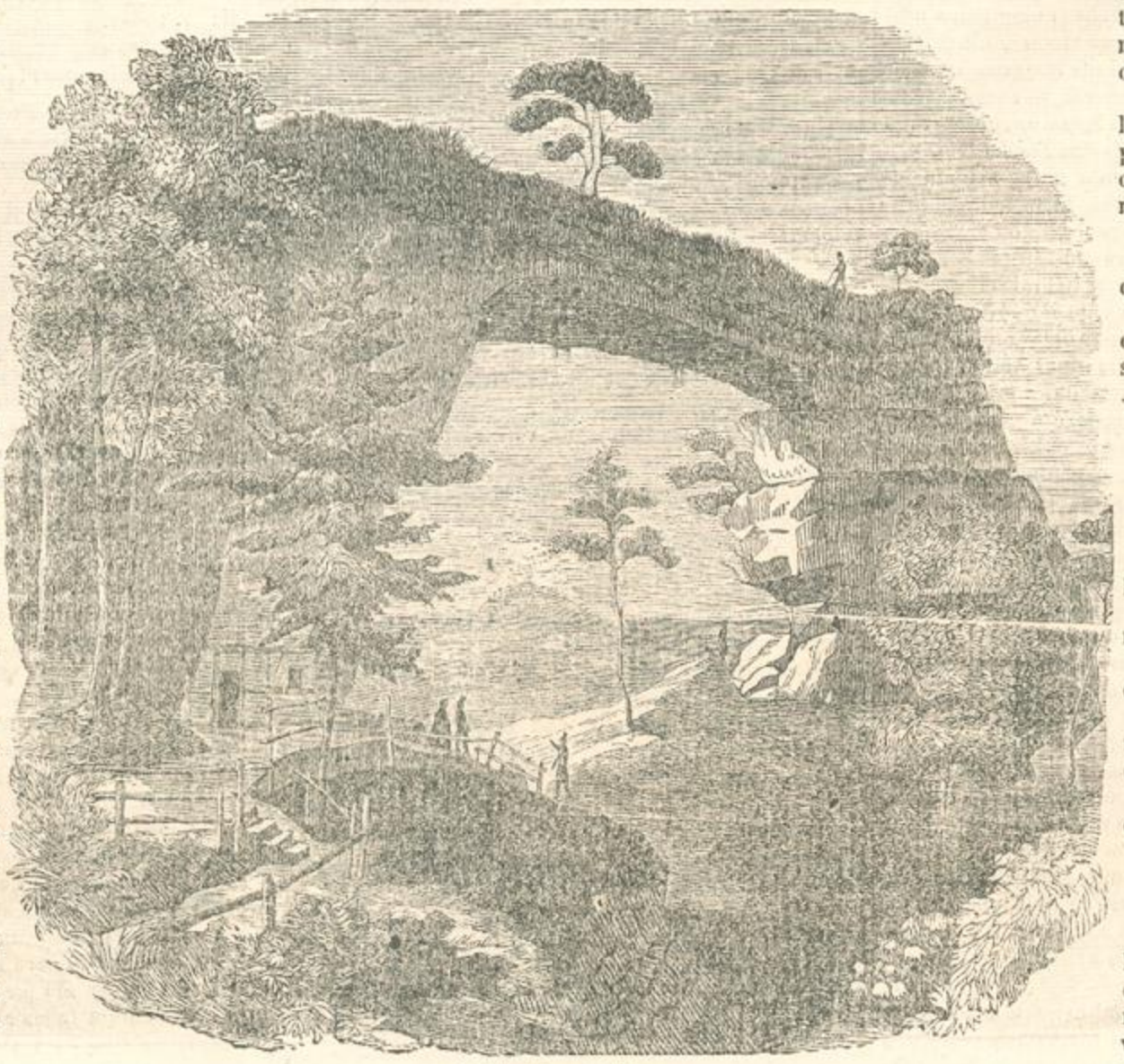
O que haverá mais variavel do que a phantasia!

Ainda estou em vesperas do noivado, e já conclui apresentando a minha esposa n'um baile!

Pensamento! Pensamento! Porque corres tão veloz?

F. D. d'Almeida e Araujo.

A mulher não saiu nem da cabeça, nem dos pés do homem; mas de bem perto do coração; assim não deve ser senhora, nem escrava; porém sim objecto do nosso amor e protecção.



Prebichthor — Suissa.

CONSTANCIA DE JESUITA.

Continuação.

X

«No galeão San-Francisco, na altura da ilha da Madeira, dezembro 1588, dia de San-Sabino. Ao pôr do sol.

«Eis-me vogando entre ceo e mar, impellido por ondas agitadas e vento impetuoso.

«Os elementos lutando com a embarcação, que em mim leva tão grande carga de pesares, parecem similhar os sentimentos varios, oppostos, destruidores que se debatem n'este coração vasio de esperanças.

«No horisonte da vida, como no da natureza, que além me circunda, e onde não apparece uma vela amiga, só tenho por derradeiro conforto a morte que anhelo, unica que pode livrar-me das dôres e dos espinhos que me pungem n'alma.

«A *estrella* que entrevira dever ser-me pharol e guia nas procellas do mundo, era do ceo; escondeu-se ou para lá fugiu.

«Já agora quem me guiará na vida?

«Olhos profanos sem crença e sem amor, quizeram tambem alumiar-se áquella luz, e desafial-a com violencias, como os gigantes da terra: loucos, que esqueceram, que vontades e leis de homens fenecem e caducam nas alturas! Ali só Deus impera. Já não ha Josués, que detenham em seu curso o astro do dia.

«Tão brilhante, e tão de enamorar, a minha *estrella* sorriu-me de esperanças. Cri e confiei n'ella, mas bem depressa ao destino aprouve empeçonhar-me, acordando-me d'esses sonhos deleitosos para arrojar-me ao fundo das desgraças reaes.

«Candida e engraçada sorrias para mim minha *estrella* bemdita; mas nuvem traiçoeira te encobriu e escureceu. Apagou-te a meus olhos e apagou-me n'alma o prazer e o descanso!»

XI

Ante-manhã.

«O tempo refrescou. Range lá em cima o apparelho. O vento assovia pela enxarcia. O timão roda monotono, obedecendo á voz rouca e pausada do mestre. E eu velo sempre a esta luz amortecida!

«Bom Deus! como manterei a vida sem um momento de repoiso d'alma?

«As faces enrugam-se pela vigilia. Os membros sem forças desfallecem, porque sem alimento não fôra possivel mantel-as. Os olhos somem-se entre os discos arroxados, presentes da insomnia, da impaciencia, e da desdita! Ainda ha pouco os animava fogo d'amor e crença: agora só pallido clarão, como luz proxima a extinguir-se, vem dizer-me que hão prestes de cerrar-se eternamente. Cansados de desvairar em cata da alegria que perderam, vão fechar-se e dormir profundo somno!

«Senhor, quem soffre tanto não merecerá da vossa misericordia o allivio da morte?

«Como é bom o morrer, quando se sentem exhaustas todas as forças, e se não pode levar mais ávante o peso da vida!

XII

«Ante a ilha de Santa Helena, junho 1589, dia de San-João. No quarto d'alva.

«Amor!. . se és o grande agente, e o laço vital, que prende ao mundo a existencia e a felicidade; és tambem algoz pregoeiro de destruições e de desditas! Muito bem podes fazer se te não desvairam os caprichos da sorte; e males mui perniciosos quando olvidas a missão celeste, com que ao mundo baixaste, e te compraz dar favor ás opposições e aos revezes. De animador que eras então e devias permanecer, te convertes em assassino covarde e deshumano!

«Amei, e mal cria que as delicias que sonhava tão prestes fossem dissipadas, como o fraco fumo, que na serra sobe da lareira da choupana, e que o tufão sacode e varre n'um instante. Nem d'ellas ficou vestigio!

«Esse devanear de mocidade e de paixão, fugiu-me com o mallogro d'um desejo; e eu que me contemplava desvanecido, atendo-me a um futuro risonho, vejo agora sumidas essas aspirações ideaes no pelago, que em breve hade abrir-se para servir-me de tumba, e tragar comigo as flores seccas e desbotadas, que semeei na vida, e que assim tão sem piedade murcharam e feneceram.

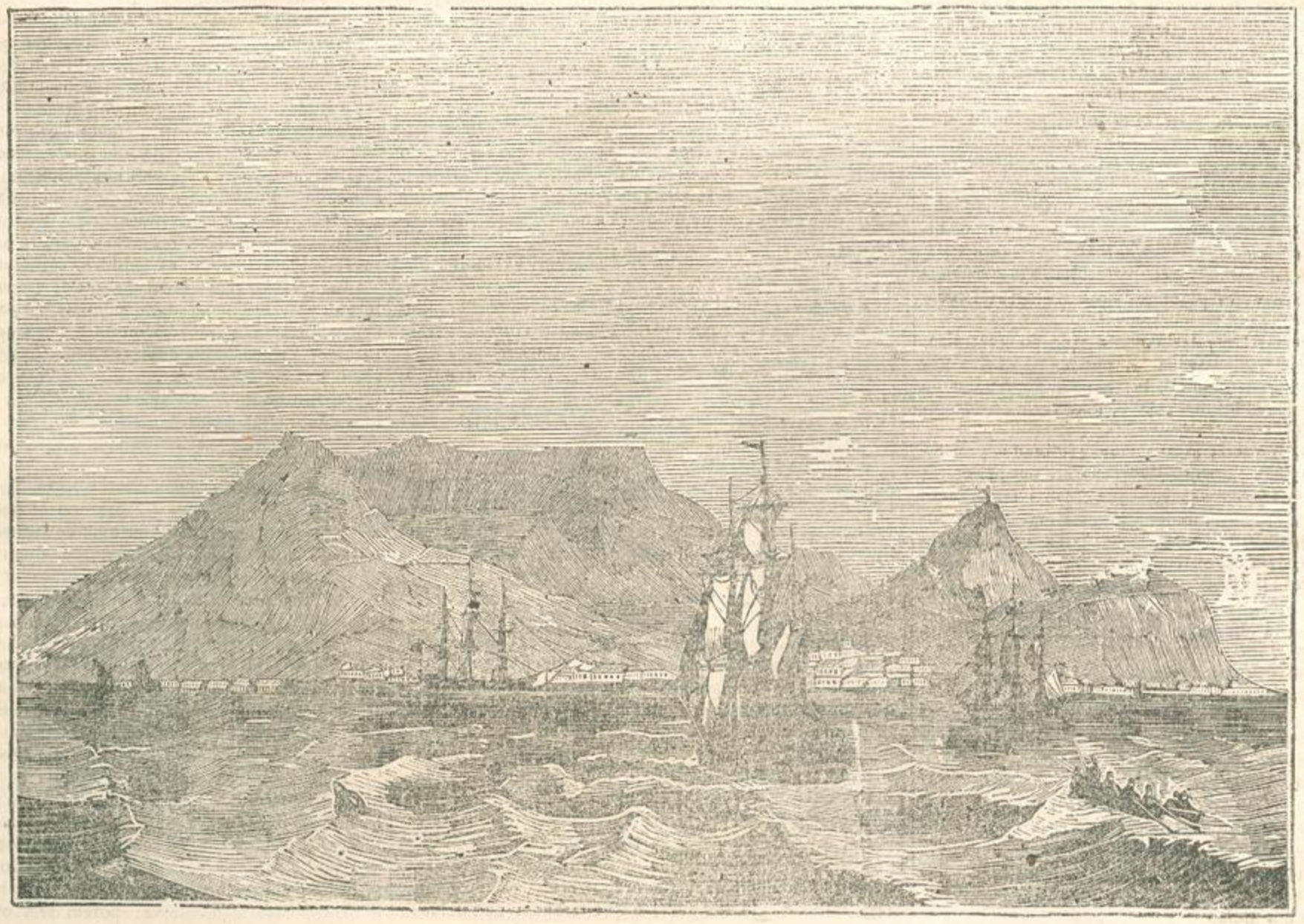
«Dobrado luto me enuvia hoje o coração. Saudosa commemoração d'um dia da minha passada ventura, devo juntar mais uma lagrima ao pranto que por dever e amor consagro á memoria do anjo que perdi, que em vida me sorriu bemaventuranças; e que estará agora arrastando os grilhões da escravidão, ou cantando nos coros do ceo.

«Lá, onde ambos abrimos os olhos á luz da existencia, n'este dia, a esta hora, e ha alguns annos, conjuravamos impacientes o amanhecer, e aguardavamos anciosos as festas, que pelo orago da matriz parochial estavam desde muito promettidas, como era de religiosa usança.

«O bom do archanjo San-Miguel, parecia agora mais ufano do que nunca, do triumpho que alcançara do satanico rebelde. Todos cantavam e lhe pregoavam as virtudes, desde o pulpito onde o sermão o exaltara tanto, até ao lar obscuro onde velhas supersticiosas, de roca á cinta, e fuso incessante, attrahiam com a lenda desfigurada a rapasiada inquieta para o canto da officina, em quanto o oleiro, livre dos importunos, imprimia gyro á roda, instrumento da industria que na villa tantos braços e tanta familia mantém.

«Trajando vestido festival, com os olhos dependurados na recente torre negra do templo, aguardava o repique dos sinos, que devia chamar á solemnidade do dia. Qualquer momento de demora era para mim como um

Monumentos da Campanha da Crimea.



Cabo da Boa Esperança.

seculo de pesar, porque ninguem ha que não saiba o valor que os verdes annos dão a um instante, em que se cruzam duas vistas cheias de sympathia e de interesse, desprendendo-se unicamente para se fixarem ambas em Deus e na sua ara; presas a uma mesma idéa; elevando eguaes preces; pedindo ventura abençoada.

«Ha annos este dia e aquella egreja foram para mim um paraiso. Subiam ás alturas musicas e cantares; iam ao Senhor hymnos e louvores: era tudo um fervor e um recolhimento de espirito como não verei jámais! E a propria associação que alguma alma apaixonada fazia d'um nome terrestre ao do Eterno, não era senão para santificar um pensamento d'amor; purificar o intento com que se volviam simultaneamente olhos do ceo para o mundo, e do mundo para o ceo, admirando e louvando a Deus em uma de suas mais bellas creaturas!

«Então cria-se e esperava-se! E hoje? Hoje lanço vistas avidas sobre o porvir, procuro n'elle uma luz que me mantenha a crença, que vejo desamparar-me, e só descubro trevas e abysmos!

«Senhor, dae-me ao menos as forças que a desesperança me roubou, para que não prevaleça o erro, e eu não succumba infiel!»

XIII

«Em vista do Cabo, julho, dia de San-Rufino. Com o sol nado

«Eis-me proximo á India, que destino para theatro da ultima luta, onde esta malfadada, inutil existencia deve succumbir!

«Dentro em pouco, talvez mesmo por horas, devo transpor este *Cabo Tormentoso*, que antevejo prolongar-se, estendido sobre as aguas, que em agitação combatem o immovel promontorio.

«De *Boa-Esperança* lhe impozeram novo nome, em troca do primeiro e mais fatal, que grandes afans, e grandes perigos pareceram mui bem justificar.

«Oxalá que a passagem arriscada a que ousei expor-me, me valha, ao menos, que pelo nome d'estas aguas o meu destino adverso possa fundir-se em *boa esperança!* Mas, não o creio eu, que tão desacostumado ando já de mimos da fortuna, que desabrida e acintosa guerra parece ter-me agora declarado.

«Vou ver Bombaim, Góa, e Cochim, onde já tão temido e respeitado foi o nome portuguez! Vou n'essas guerras meio politicas, meio religiosas, do estado indiano, buscar desenfado a tantas amarguras.

«Bato ás portas da India! Silencio!

«Calar-me-hei! Labios e penna tudo será de mais. Nem aquelles se abrirão, nem esta se moverá, senão para enviar á Europa o adeus de eterna despedida, e á memoria de Laura o meu derradeiro suspiro, tão seu como o primeiro, que em melhores dias se me desprendeu do peito.»

XIV

Já decorreram annos desde que nas fileiras do exercito da India se contava um soldado, extreme pelo valor, não menos que pela immoralidade.

Peito ousado como o d'elle, que tão imprudente fizesse rosto aos perigos dos combates, nenhum havia assim.

As empresas mais arriscadas achavam-n'o sempre prompto com a vontade e com o braço. Era o primeiro nas correrias e escaramuças com os inimigos indios, que a miudo davam surrateiros sobre as praças portuguezas; era o ultimo que se retirava da trincheira, quando se cuidava da defesa, e nunca sem que já bem segura e consolidada estivesse a victoria das quinas lusitanas. Afoito como o tygre, valoroso como o leão, olhavam-n'o por toda a parte com assombro. Qual cuidava que sobre a audacia más artes o faziam invencivel: qual que por energumeno desdenhava os perigos e era invulneravel como Achilles.

Vida de terrivel mysterio era a vida do guerreiro. Nem amigos, nem companheiros, porque não tinha uns nem fazia dos outros cabedal, lhe haviam jámais ouvido soltar uma palavra, um queixume, uma recordação saudosa do passado e da Europa.

Emquanto os outros muitas vezes reclinados pela tarimba em noites de descanso, ou á sombra das palmeiras em sestas calmosas, sonhavam e praticavam lembranças patrias, lançando contas ao que fôra, e ao que ainda podia ser, aguardando do tempo e dos bons serviços a remuneração das fadigas d'além-mar, e o retorno ao reino, em que braços abertos de paes, lagrimas de saudade e de amor, os esperavam para consolal-os; o soldado athleta permanecia mudo e impassivel:

Nem de esperanças soltava uma palavra,
E nem da patria o nome lhe era ouvido!

Grande successo e coisa mui extraordinaria devera de esconder-se lá bem no intimo d'aquelle peito.

Os calculos e conjecturas dos companheiros quebravam-se em incertezas. Quando muito viam que n'algumas palestras de camaradagem se lhe escurecia o semblante; descaiam-lhe, e se lhe carregavam as sobrancelhas; contrahiam-se-lhe os labios, e, de improviso, um de menos havia na companha! Era elle, que saíra furtivamente, temendo talvez que mais claros symptomas exteriores o não trahissem.

Todas estas acções de bravura e de reserva pareciam nascer d'um pensamento fixo e occulto, que de continuo lhe amargurava a alma; para fugir ao qual por lenitivo de esquecimento, buscara com tanta imprudencia o perigoso remedio da dissipação e da licença.

Quantas vezes almas infelizes, temperadas pelas mãos dos anjos, se não acolhem do desespero á abominavel guarida dos vicios!

No lupanar ou no kiosko; no canto licencioso, na crapula, ou no trato de barregãs, consumia o nosso soldado todo o tempo que lhe sobrava do serviço; e entretanto nunca official ou peão póde encontral-o em taes logares, que elle, providente sempre, sabia concertar meios porque o não vissem.

A tristeza do combatente quando investia com os perigos da peleja, convertia-se depois em diabolica folia.

A vida parecia-lhe menos pesada no meio da orgia e da devassidão; e este remedio horrivel, que por instantes lhe medicava talvez bem profundas chagas do coração, tambem, veneno lento, promettia destruir-lhe a existencia.

Continua. JOSÉ DE TORRES.

MONUMENTOS DA CAMPANHA DA CRIMEA.

Na corôa do outeiro que os inglezes denominaram na Crimea Cathcart-hill, repoisam os despojos mortaes de oito officiaes do regimento britanico Coldstream guards; para ali os seus camaradas removeram os caixões que encerram os corpos, porque a sua primeira sepultura no barranco chamado Windmill Ravine achou-se que era subjeita á inundação e estragos das torrentes do inverno. Uma simples lage com os nomes mostra o local onde jazem.

Ha pouco se lhes erigiu na cathedral de S. Paulo de Londres um cenotaphio, obra apurada do barão Marochetti. O entablamento tem dos lados as effigies de dois soldados do mesmo corpo e dentro estão esculpidos os nomes e patentes. Rematam a obra as bandeiras do regimento, e entre ellas ha um quadrado com a seguinte inscripção.—«Estas bandeiras pertencem ao regimento Coldstream de infanteria da guarda, e foram dadas pelo coronel Jorge Upton e os officiaes do regimento com autorisação do feld-marechal conde de Strafford, como tributo aos seus briosos e dedicados camaradas que pereceram na batalha de Inkermann, cujos nomes estão commemorados no cenotaphio.»—Este regimento, de antiga reputação no exercito britanico, entrou na celebre batalha de Inkermann com quatrocentas praças de pret e dezesete officiaes, e saiu do conflicto com perda de duzentos soldados e cabos e treze officiaes entre mortos e feridos; portou-se com o maior denodo e valentia.

M.

POBRE LUIZA!

ROMANCE CONTEMPORANEO.

Continuação.

VI

O GUARDA-MARINHA.

N'este estado de coisas, um acontecimento imprevisto veiu mudar a face á existencia d'aquellas duas creaturas.

Uma das amigas da viuva do militar, unica talvez que depois que esta caira na desgraça a não esqueceu, veiu visital-a certo dia.

— Ai como esta menina está abatida! exclamou ella ao ver Luiza.

A doente então, olhando para Luiza com aquelles olhos que só as mães teem para ver as filhas, adivinhou os transes dolorosos porque a sua molestia a fazia passar.

Atravez do véo de muda tristeza, que lhe entenebrecia a fronte, Luiza deixava perceber a lenta agonia, que lhe ia consumindo a alma attribulada pela intensidade da afflicção.

— Minha filha, disse a doente, não quero que te mortifiques assim. Para que é tanta attribulação, quando me restam ainda alguns annos de vida, e não estão de todo perdidas as esperanças de te arranjar um bom marido. É preciso que vás dar um passeio, continuou com voz fraca, em companhia da nossa amiga e de Maria. Entretanto pede-se á visinha do terceiro andar que venha acompanhar-me.

Debalde Luiza ponderava a sua mãe as inconveniencias de tal resolução. A doente foi inflexivel; e as boas maneiras da sua amiga, que a cada palavra da mãe de Luiza repetia o sacramental, ora essa! com muito gosto! pois porque não! dispunham tanto a seu favor, que Luiza, não podendo allegar razões que seriam inuteis, cedeu porfim. Portanto, saiu com sua prima, não n'esse dia, que já a hora ia adiantada; mas n'outro, em que por signal havia Lausperenne na sé patriarchal.

Dar o primeiro passo na rua e convidal-as logo para ir á egreja foi dito e feito no mesmo instante pela senhora que as acompanhava, que era, nem mais nem menos, uma beata de rija tempera, e que tambem não deixava de crer na reapparição d'el-rei D. Sebastião pelo que se deduzia d'alguns sons mal articulados que proferia, e do religioso recolhimento a que se entregava, quando por acaso recaía a conversação sobre a duvidosa sorte do infeliz monarcha.

O contentamento que sentiu por se lhe proporcionar occasião de pedir a Deus saude para sua mãe, exprimiu-o logo Luiza approvando a proposta da beata.

Não aconteceu o mesmo com Maria, que, não podendo conter a sua raiva, deu um forte beliscão no braço de Luiza.

A beata, porém, não consultando a vontade d'aquella pois a julgava identificada com a d'esta, enfiou pelas ruas, que mais perto a conduziam ao seu destino, e dentro em pouco estava na sé patriarchal acompanhada das duas primas.

Luiza saira da egreja alliviada da dôr, que lhe confrangia a alma, pelo refrigerio da oração, verdadeiro e unico balsamo, talvez, capaz de cicatrisar as chagas que a infelicidade produz no espirito.

Quanto a Maria, essa era extremamente depravada para poder ser affectada de sentimento religioso.

Ao atravessar uma rua, quando voltavam para casa, tiveram de parar porque uma carruagem, cujos cavallos vinham desboccados, apparecia ao fim d'ella, e ameaçava causar alguma desgraça.

Effectivamente assim aconteceria, proseguiu Barbosa, se não se desse o seguinte caso:

Um pobre, d'esses que por ahi apparecem amiudadas vezes, que mal podia mexer-se, achava-se na direcção do trilho que seguiam os cavallos.

A morte era certa. O cocheiro caira da almofada, e as pessoas que vinham dentro da carruagem, perdendo de todo a esperança de escaparem ao perigo que as ameaçava, tinham afastado a vista d'aquelle quadro de horror, arremessando-se para o fundo d'ella.

A carruagem vinha já proxima. A morte para o pobre era infallivel.

O povo que se reunira, esperava impassivel o desfecho d'aquelle transe sem haver um homem que de entre elle saisse a salvar a existencia d'um seu irmão!

Tudo isto, porém, passou-se mais rapidamente do que é possivel descrevel-o. Rapido tambem e como que por encanto, quando os cavallos quasi pisavam o infeliz, um mancebo, fardado com o uniforme de guarda-marinha, saiu da multidão, e arremessando-se a elles os fez parar.

O guarda-marinha salvou o pobre; mas uma fortissima pancada que recebeu no peito arruinou-o completamente.

Luiza, sua prima, e a beata que as acompanhava assistiram a esta scena terrivel.

A alma de Luiza, essencialmente boa e compassiva, confrangia-se dolorosamente pela sorte do pobre.

Quando a carruagem estava já perto d'elle, Luiza, não podendo já resistir á profundissima affecção que experimentava, deu um grito suffocado e caiu desfallecida nos braços da beata.

Comtudo no começo do deliquio, que se lhe apoderou dos sentidos, teve ainda tempo de perceber que alguem dera um passo para salvar aquelle infeliz.

O acontecimento, portanto, ficara-lhe profundamente impresso na memoria para poder esquecel-o.

Abrindo os olhos, viu que estava em uma casa, para onde a tinham levado, cercada da beata que lhe prodigalisava todos os cuidados, da prima que assistia impassivel a tudo que presenceava, e de grande quantidade de pessoas que excitadas pela curiosidade, tentando informar-se do succedido, entravam e demoravam-se a fazer commentarios, sem os quaes nenhum acontecimento presenceado pelo publico ocioso deixa de passar.

Mais longe, e em outra cadeira, tinham collocado o guarda-marinha, que, cedendo á força da pancada que levara, perdera tambem os sentidos.

Este dava apenas leves signaes de vida quando Luiza tornou a si. Então volvendo os olhos para elle, e mal podendo disfarçar a impressão que lhe causara a sua generosidade e o estado em que se achava, correu para o mancebo, e com aquella ingenuidade infantil que traduz tão vehementemente a virgindade dos affectos violentos, em que está a alma candida da donzella, estacou, admirando pela primeira vez na sua vida a rara belleza do mancebo.

E com effeito o guarda-marinha podia dizer-se formoso. Essa belleza feminil, que imprime no rosto do homem, que a possue, os toques bellos e puros que na sua uniformidade tanto o aproximam do typo mais perfeito da mulher, essa não a tinha elle.

As feições eram todas varonis. Por vezes triste e como que vago, outras alegre e franco, o aspecto do mancebo tinha não sei o que de bello e mysterioso, que o tornava admiravel, e ao mesmo tempo digno do respeito ainda das pessoas que o viam pela primeira vez.

A alma, que ninguem a tinha boa como elle, vinha reflectir-se toda no rosto. A violencia dos affectos, que sempre acompanha a mocidade, nunca a soube esconder.

O mancebo era sublime n'aquella posição. Com os olhos pretos e bellos mal abertos, o cabello negro tambem, escondendo apenas a fronte espaçosa, e tendo os labios levemente contrahidos por uma crispação nervosa, que vinha reflectir a intensidade do intimo padecer, dir-se-hia a estatua do soffrimento!

Em breves momentos os signaes de vida se tornariam mais sensiveis, até que o mancebo tornou de todo a si.

A primeira pessoa, e a que lhe ficava mais proxima, que o guarda-marinha viu, foi Luiza.

As suas vistas trocaram-se, e em resultado ambos coraram.

Se n'aquella occasião, continuou Barbosa, perguntassem á donzella porque córara, estou persuadido que não saberia dizel-o; ao guarda-marinha, ainda que mais experiente, acontecer-lhe-hia o mesmo.

Luiza, enleada, e não podendo disfarçar o que sentia, veiu recuando até se achar entre sua prima e a beata. Esta estava já impaciente, e foi com visivel repugnancia, apesar dos sentimentos humanitarios que lhe mandava professar a Egreja, que consentiu a rogos de Luiza em se demorar mais algum tempo.

A maior parte da gente, que ao principio se reunira, tinha já dispersado. Apenas ali estavam as duas primas, a beata, um andador das almas, com quem esta travara uma renhida conversa religiosa, um sapateiro d'escada, que attrahido pelo acontecimento tinha abandonado a tripeça, e algumas mulheres que entraram a fazer compras, pois era um armazem de modas onde tinham recolhido Luiza e o guarda-marinha.

Este, depois, passou a mão pela testa e levou a outra ao peito.

—Não foi nada, disse elle ao dono do estabelecimento, que lhe offerecia um copo d'agua. Agora estou melhor. Sinto apenas uma leve dór no peito, que de certo será de pouca consequencia.

E depois, pegando no bonet que tinha em cima do balcão, fez um esforço para se levantar.

O animo e a vontade, porém, tinham-n'o enganado, fazendo-lhe suppor que ainda lhe restavam forças bastantes para poder andar.

O mancebo tornou a cair na cadeira d'onde se levantara, e d'ali foi levado em braços até á sege que se fôra buscar para o conduzir a casa.

Ao entrar para ella, quando o boleeiro lhe perguntava para onde queria ser conduzido, o mancebo, depois de responder-lhe, volveu os olhos para dentro da loja, e olhou segunda vez para Luiza, que o contemplava e parecia não poder arrancar o espirito á abstracção em que caira.

A sege partiu, e uma lagrima ardente veiu deslisar-se pela face meia pallida meia córada da joven.

Luiza amava o guarda-marinha como amaria qualquer homem generoso que arriscasse a vida para salvar a d'um irmão. As faculdades concentraram-se-lhe todas ahi; e o mancebo, na imaginação agitada da donzella, tomou por assim dizer as formas d'um anjo que tivesse baixado á terra para obstar com a sua mão milagrosa á consummação d'uma grande desgraça.

—Ande, venha d'ahi, menina, que se faz tarde; exclamou a beata em um momento d'impaciencia difficil de conter. E ao mesmo tempo passava pelos dedos, em fervorosa oração, as enormes contas d'um disforme rosario.

—Ai! desculpe, minha senhora, respondeu Luiza; este acontecimento preoccupou-me de tal modo...

A beata não lhe deu tempo para mais. Pegou-lhe por um braço, por outro a Maria, e partiu.

—Ellas aqui estão, taes quaes me foram entregues; disse ella á mãe de Luiza, quando chegou a casa.

A beata prevenira as duas primas que não contassem á doente coisa alguma do acontecido.

—Custa-me muito a sair com meninas, continuou ella. Nunca uma pessoa vae descansada. Umas vezes é um homem que olha para ellas com uns olhos... santo Deus! Nada; no meu tempo não era assim. Todas riam, todas brincavam, mas o pensamento andava sempre com Deus e com as suas sagradas coisas. Mas, agora, credo, ninguem pode sair á rua. Olhe, eu cá por mim, rica senhora, não sei onde isto irá parar com tanta innovação.

E a beata deixava cair uma conta em signal de que tinha concluido um padre-nosso, com que sempre costumava rechear ainda um dos seus maiores discursos.

Por fim despediu-se e as coisas voltaram ao seu estado; isto é, Luiza continuou a tratar de sua mãe, e Maria a servir de cosinheira.

Muitos dias se passaram depois d'este acontecimento.

Luiza não era já a donzella descuidosa d'outr'ora. Além do desgosto profundo que lhe fazia sentir a enfermidade de sua mãe, o amor, em toda a sua virgindade e pureza admiraveis, viera fazer completa revolução na alma da pobre donzella.

O rosto, que outr'ora era bello e puro, transformou-se tambem, não podendo resistir ao continuado soffrer do espirito. A belleza não a perdera ella, porque os toques da tristura que lh'a avassallara vinham reflectir-se todos no rosto e tornal-o ainda mais interessante, imprimindo-lhe aquella pallidez sympathica, se é permittida a phrase, que faz da mulher um anjo.

Além d'isto os traços causados pelas paixões, que ninguem experimenta impunemente, davam-lhe uma apparencia, vaga e como que abstracta, que a fazia parecer mais uma entidade divina do que uma creatura humana.

Em Maria operara-se tambem sensivel mudança. De natureza diversa, e incapaz de comprehender a sublimidade da acção praticada pelo guarda-marinha, Maria não póde comtudo subtrahir-se á impressão que sentiu quando contemplou as graciosas formas do mancebo.

Amou-o tambem, como Luiza o amara; mas com um amor differente.

Luiza era o espirito e lá nunca Maria soube chegar.

N'esta, não obstante a baixeza do seu affecto, tambem se notavam alguns signaes de padecimento.

As rugas que se lhe desenhavam profundas pelo rosto provavam que o espirito andava inquieto.

Luiza, de cujo pensamento nunca mais saira a imagem querida do mancebo, e que poucas vezes abandonava a cabeceira do leito da enferma, chegou uma tarde casualmente á janella.

Vendo o guarda-marinha, que passava por defronte, deu um grito mal suffocado.

O mancebo viu-a tambem, e ao contemplar aquelle rosto formoso, faltaram-lhe as forças e sentiu como que uma debilidade derramar-se-lhe por todo o corpo.

Para não cair teve d'encostar-se a uma parede, e assim esteve algum tempo até que partiu.

Apenas convalescente, debilitado ainda pelo muito que soffrera, o mancebo, que não tinha esquecido a donzella, sendo o primeiro dia em que saía á rua, não teve animo, quando a viu, para resistir ao choque que menos esperava.

Luiza retirou-se e foi para junto da doente que já reclamava os seus cuidados.

A donzella, desde então, viveu em continuo martyrio.

Desejando fugir á lembrança, que constantemente tinha do guarda-marinha, quanto mais se entregava ao que podia distrahil-a mais a imagem d'elle, serena e bella, se lhe desenhava na mente.

Um sonho que a donzella teve pode melhor do que eu, continuou Barbosa, dar idéa do estado de agitação em que andava o espirito de Luiza.

Continua.

M. L. Coelho de Magalhães.

LITTERATURA DRAMATICA.

Encetando hoje nas columnas da *Illustração* a publicação da comedia de costumes em um acto — *O Sapateiro de Escada*, do sr. Luiz Augusto Palmeirim, cremos não adulterar a indole, e programma d'este semanario.

As *Illustrações*, franceza e ingleza, publicando nas suas columnas pequenas composições dramaticas de um unico acto, autorisam-nos a não duvidar da acceitação que entre nós terá um egual expediente, que, innegavelmente, contribue para a variedade, que uma folha exclusivamente litteraria nunca deve perder de vista.

Mas, se estas razões e exemplos não bastassem, a opinião da *commissão de censura*, dada officialmente á comedia que hoje começamos a publicar, desvaneceria quaesquer escrupulos que porventura ainda podessemos ter.

É por isso que em seguida publicamos os pareceres dos srs. Mendes Leal, e Silva Tullio, ácerca da comedia — *O Sapateiro de Escada*.

—

Examinei a comedia de costumes, original, em um acto, intitulada *O Sapateiro de Escada* destinada ao theatro de D. Maria II.

A intriga d'esta peça é simples, quasi nulla; mas, pela propriedade de linguagem, verdade das scenas, e individualisação dos typos, o meu parecer resume-se n'estas palavras — n'este genero parece-me a mais perfeita composição escripta originalmente.

Voto pois pela sua admissão, convencido de que será recebida com pleno agrado publico, se a execução corresponder á concepção.

Lisboa, 3 de outubro de 1856.

José da Silva Mendes Leal Junior.

—

Sinto que esta peça seja de autor tanto da nossa amisade, porque se houvesse de dizer o que sinto, bem me podiam taxar de suspeito.

Contento-me pois com dizer, que não só concordo completamente com o parecer do primeiro censor, mas que daria esta comedia para exemplar dos que quizessem explorar esta mina riquissima dos costumes e typos nacionaes, que tão proprios são para libertar o nosso theatro do jugo estranho.

Proponho por ultimo que a comedia intitulada *O Sapateiro de Escada* seja approvada plenamente e com louvor.

Lisboa, 3 de outubro de 1856.

A. da Silva Tullio.

O SAPATEIRO DE ESCADA.

Comedia de costumes, em 1 acto, intermeada de coplas.

PERSONAGENS.	ACTORES.
Mestre José Pardal, sapateiro de escada.	*Theodorico.*
Anacleto dos Ramos, proprietario. . . .	*Sargedas.*
Julio da Costa, sobrinho d'Anacleto. . .	*Cesar.*
Engracia Rosa, viuva, e ex-adella. . . .	*Barbara.*
Angelica, filha de Engracia.	*Gertrudes.*
Josefa Maria, criada d'Anacleto.	*Delfina.*

A scena passa-se em Lisboa — 1856.

ACTO UNICO.

(O theatro representa o interior de uma escada, visivel até ao primeiro andar, e devendo-se-lhe suppor a continuação para os andares de cima. Em baixo, ao entrar, duas pequenas portas lateraes, a que correspondem duas rotulas, que deitam para o lado da rua. A da esquerda, entre-aberta, e por baixo dos quartos occupados no primeiro andar por Anacleto; a da direita, sempre fechada, no piso inferior aos quartos que habita Engracia Rosa. Um corredor divide o primeiro andar do predio. É no fim d'este corredor, que se suppõe ser o patamar da escada, roto para a frente do espectador, e por cima da porta da rua aonde o sapateiro trabalha. A casa é encostada sobre a direita do espectador, e faz esquina para um becco, quasi intransitavel por estreito, mas é praticavel pela frente, e pelo outro lado. Ás janellas do sapateiro é que correspondem as janellas do primeiro andar. Os quartos do lado esquerdo teem uma varanda corrida, na face contraria ao becco. A porta do sapateiro tem dois numeros: 5 no logar usual da numeração, e 100 mais apagado, no topo da hombreira. Na janella de Anacleto vê-se uma toalha lavada e engommada, pregada com alfinetes.)

SCENA I.

O Sapateiro (*só*).

(*Está compondo um sapato*) O officio está pela hora da morte. Desde que se paga em dia aos empregados publicos, vão todos calçar ao francez, e morrem de fome os artistas nacionaes. (*Canta*)

Passo todo o santo dia
Amarrado na tripeça;
Mas a minha freguezia
De pagar nunca tem pressa.

Se preciso d'algum ganso
Deixo de ser sapateiro;
E nas horas de descanso
É que apanho algum dinheiro!

O sapateiro de escada é assim. Quando trabalha faz cruzes na bocca, e quando se fia no Deus dará rema, e rema menos mal. (*Tira da algibeira uma carta*) Uma cartinha d'estas, louvado seja Deus, dá para tudo! Mas tambem quem se fia cá na gente (*Canta*)

Tem certeza de que as filhas,
Sem as mães desconfiarem,
Recebem sem estampilhas
As cartas que lhes mandarem.

É um commercio como outro qualquer, e que não prejudica senão o correio geral. (*Sente abrir a janella d'Anacleto*) Olá! O visinho hoje madrugou! Em quanto não posso dar conta do meu recado, vou-me atirar a umas meias sollas, que ha mais de quinze dias dormem no fundo da minha aleofa.

Continua.

O PALACIO IMPERIAL EM PEKIN.

O nosso desenho representa o palacio imperial, ou *Tsou-Kin-Tekhing*, em Pekin, e uma parte do parque.

Este palacio, que tem de extensão de norte a sul 303, e de leste a oeste 237 toezas, é defendido por fortes muralhas. Tem bastantes salas, decoradas com magnificencia.

Na primeira ha tres portas, servindo a do centro unicamente para o imperador, e as outras duas para os mandarins e dignatarios do imperio.

A *Tai-Ho-Thsien* (sala imperial) é onde se collocam os mandarins, nas occasiões em que vão comprimentar o imperador. No meio da sala levanta-se o throno, que é um estrado alto, com esta inscripção — *Chin;* quer dizer *santo*.

Os jardins são admiraveis, e concorrem muito para a belleza do palacio. O parque de Youen-Min-Youen excede muito os jardins conhecidos.

É provavel que com a revolução, que tantas victimas tem feito, e cujo fim se não pode prever, alguma mudança tenha havido no edificio que acabamos de descrever.

APHORISMOS.

O mau filho não espere ter bons filhos: seu exemplo sancciona a lei de talião, que o ha-de punir.

—

Quando se desatam os laços da amisade, por superveniente desintelligencia, a honra exige imperiosamente a restricta guarda dos segredos communicados.

—

Na maior parte, as amisades difficilmente resistem ao combate de interesses encontrados.

—

A amisade politica tem por objecto as opiniões, e não os individuos; por isso vê-se a monstruosidade de inimigos ligados, e de amigos desunidos.

—

Não se devem contrahir amisades sem grande criterio, nem perderem-se sem transcendentes motivos.

—

Nas difficuldades, os amigos, e o credito, valem mais que os bens, e o dinheiro.

Moraes Carvalho.

CABO DA BOA-ESPERANÇA.

O Cabo da Boa-Esperança foi descoberto por Bartholomeu Dias em 1487.

Por esse tempo teve o nome de Cabo Tormentoso, pelas tempestades quasi continuas que ali ha; mas tendo o descobridor voltado ao reino, D. João II, nutrindo esperanças de que o descobrimento d'este Cabo abrisse as portas do Oriente, poz-lhe o nome de Cabo da Boa-Esperança, que ainda hoje conserva, sobrevivendo ao poder e gloria dos portuguezes, primeiros que devassaram aquella paragem.

Vasco da Gama, que saiu de Lisboa em 1497, para o descobrimento da India, levando gloriosamente ao fim tal intento; passou o Cabo a 22 de novembro do mesmo anno. Sendo o segundo que o dobrou.

Em 1650 fizeram os hollandezes uma colonia no districto do Cabo, nas margens do rio do Peixe; porém, sendo pessimo o ancoradoiro, abandonaram-a, transferindo-a para a bahia da Alagoa, ao norte. Mais tarde, tornando a mudar de logar, passaram a colonia para o sitio onde existe a cidade chamada do Cabo, que actualmente pertence aos inglezes, tendo-a estes tomado aos hollandezes em 1795, restituido em 1802, pelo tratado d'Amiens, e retomado em 1806.

Os colonos occupam um territorio cuja extensão é, de norte a sul duzentas e trinta e tantas milhas, e de leste a oeste obra de seiscentas, contendo umas cento e quarenta a cento e quarenta e cinco mil milhas quadradas.

A maior parte d'este terreno é maninho, ou coberto de montanhas escalvadas, ainda que alguns sitios haja fertois em bons pastos. Para além das raias da colonia, no districto oriental d'Albany, ha robusta e magnifica vegetação.

O territorio occupado pelos inglezes divide-se em cinco districtos — o do Cabo, o de Stellenbosch, o de Zwellendam, o de Graaf Reynet, o de Albany. A capital é a cidade do Cabo, situada n'uma encosta de facil accesso. É muito regular. A agua, em que abunda, vem-lhe de uma grande ribeira que desce da montanha da Mesa. Tem ruas muito espaçosas, ainda que outras sejam menos largas, mas todas direitas.

As casas são quasi todas de pedra e caiadas, e tendo, pela maior parte, dois andares, e tecto de eirado.

As praças são muitas, e bellas, rodeadas de boa casaria.

O castello fica um tanto a leste da cidade, e é perfeitamente defendido. Ahi estão varias repartições da administração, e ha accommodações para mais de mil soldados.

O edificio onde existem os quarteis occupa parte de uma das faces da praça principal, e é tão vasto, que, no andar superior, pode conter mais de quatro mil homens.

Os outros edificios publicos, dignos de mencionar-se, são — a egreja calvinista, a egreja lutherana, o theatro, o tribunal de justiça.

O palacio do governo é fora da cidade, na encosta da montanha da Mesa. Proximo, está um formoso passeio publico, que abrange um espaço, pouco mais ou menos, de quarenta geiras de terra.

A montanha da Mesa estende-se de leste a oeste por espaço de duas milhas. Na summidade tem um plaino que está 3582 pés acima do nivel da enseada.

Os dois cerros no topo — o *Pincaro do Diabo* e *Cabeça do Leão* são ramos da mesma montanha. O primeiro d'estes cerros tem de altura 1315 pés, e o segundo 2160. Aquelle é cheio de quebradas, e o cimo d'este é um pedregulho affeiçoado como por arte.

Os ventos mais geraes são o noroeste e sudoeste. Em occasiões de procella, os astros tomam um aspecto espantoso. As estrellas afiguram-se maiores, a lua parece que treme, e os planetas teem cauda egual á dos cometas.

A segunda povoação é a cidade de Graham, capital dos districtos orientaes, que foi fundada em 1820 por tres mil e tantos colonos expedidos de proposito d'Inglaterra.

É pouco populosa, e só tem um edificio notavel — a egreja. O commercio augmenta constantemente.

Parece que nenhuma substancia mineral de valor se tem até hoje encontrado ali. As primeiras producções do paiz são gado, lã, pelles, vinho e trigo.

As fructas dos tropicos dão-se bem em alguns sitios, e as da Europa perfeitamente em qualquer parte dos cinco districtos.

PREBISCHTHOR — NA SUISSA.

Quem se propõe viajar na Suissa quasi sempre vae residir em Schandan, pelas commodidades de que ahi pode gosar.

Ha grande quantidade de quebradas e penhascos de formas mui variadas, na margem direita do Elba, os quaes são visitados por todos os viajantes.

Tendo-se visto o penedo *Kroatenschlucht* (refugio dos croatas) o *Hælle* (valle do inferno) a caverna de Metze, o *Haidemiil* (moinho dos pagãos) a cascata Lichtenheim, e alguns logares mais dignos de reparo, visita-se Kustall, um dos mais pittorescos sitios da Suissa. É uma lapa, cuja altura anda por sessenta pés.

Proximo encontram-se as grutas do Alfaiate e do Cura, d'onde foi precipitado o cura de Lichtenheim, no seculo XV, por alguns dos seus freguezes, que eram sectarios de João Huss.

Para o sudoeste existe um bosque, que leva ao valle de Prebischgrund. Aqui ha para admirar uma maravilha da Suissa — o Prebischthor. É um arco de pedra de quasi cento e trinta pés d'altura, para onde se sobe por um pequeno declive. Chegando ali, gosa-se o espectaculo mais maravilhoso que se pode imaginar.

Seguindo a estrada de Dresde ha a notar a montanha de Scheeberg, o Napoleonotein (pedra de Napoleão) celebre por ter servido de assento ao imperador em 1819, o Koenigstein (pedra do rei) e muitas outras curiosidades dignas da attenção do observador.

O GROU DA INDIA — A MANGUEIRA.

O grou vive exclusivamente na India oriental. A cabeça tem uma especie de pennacho de pellos, é despida de pennas, e coberta com umas verrugas, as quaes tambem se encontram no pescoço. Este, na extremidade inferior junto ao peito, é guarnecido de abundante pello. O bico é volumoso. As azas são pretas e compridas. Esta ave tem cinco pés de altura, e a sua côr é de um branco pardacento. Apparece quasi sempre em bandos, nas praias descobertas pela maré. A sua utilidade consiste em limpar as praias de animaes mortos, e mais immundicies arrojadas pelas marés, e nos logares humidos, de serpentes e reptis. Tambem se sustenta de moluscos, lagartos, rãs, etc.

Quando entra pelos rios e lagoas, fica metade escondida n'agua, e com a cabeça torcida sobre o peito, assim se conserva muitas horas, esperando a aproximação dos peixes que segura rapidamente, engolindo-os logo, se são pequenos. Achando-se farto, volta para as arvores, onde habitualmente reside.

Os brahmanes veneram o grou, por acreditar que a sua alma passa ao corpo de um grou.

A mangueira é tambem uma das arvores mais extraordinarias. É da America meridional. Cresce pouco, e propaga-se excellentemente á borda d'agua, nas lagoas e foz dos rios. Como se vê na estampa, saem do tronco principal uns rebentões, que se alongam horisontalmente, e se curvam depois para a terra, onde se cravam e criam raizes. A arvore, segura assim, resiste á violencia das tempestades. Dentro em poucos annos os rebentões fazem-se arvores completas. Esta arvore tambem se reproduz por semente.

CHRONICA SEMANAL.

No theatro lyrico os espectaculos succedem-se, renovam-se e multiplicam-se, como por encanto. Duas operas de Verdi vieram na ultima semana augmentar a variedade. Tinhamos já applaudido as sentidas e inspiradas melodiass de Bellini, os energicos trechos lyricos de Rossini, faltava-nos ainda prestar homenagem ao maestro moderno, ao maestro da moda. Depois dos *Puritanos* seguiu-se o *Othello*, duas composições esplendidas e d'um genero diverso. É sempre a paixão que domina, mas n'uma é a paixão intima e dolorosa, na outra é a paixão com todos os seus impetos e arrebatamentos. Ambos os compositores traduziram brilhantemente o pensamento da obra. Bellini soube commover, Rossini conseguiu arrebatar.

E Verdi? É d'elle que devemos hoje tratar; esta semana pertence-lhe exclusivamente. Chamámos-lhe o maestro da moda, e sustentamos o que dissemos. Embora a moda seja caprichosa, confessamos sinceramente que em coisas de arte raras vezes deixa de acertar.

Verdi tornou-se moda pela novidade que imprimiu ás suas composições, e pelo prestigio que o seu genio soube alcançar á custa de muito estudo e trabalho, e auxiliado d'uma fertilidade excepcional. É o Alexandre Dumas da musica, a sua penna não pára, a sua imaginação não cansa. Em muito poucos annos todos os theatros da Europa estavam apresentando operas differentes e firmamadas com o seu nome. O acolhimento era favoravel por toda a parte; os seus arrojos eram bem comprehendidos e acceitos. Como todos os innovadores lutou com grandes difficuldades; mas o talento venceu-as completamente.

A nossa opinião musical é muito profana; apreciamos só pelo que sentimos. Pedimos pois indulgencia aos entendidos — que são muitos pelo que observamos diariamente. Entre os nossos collegas mesmo é raro já o que não emprega termos adequados e deixa de revelar uma certa intimidade com Scudo e Fetis. Nós ainda lá não chegámos, é verdade que principiámos mais tarde, mas talvez com o tempo e á força de os ler — os collegas — venhamos a decorar esses nomes e a ageital-os ás nossas apreciações. Se por isso ficarão mais autorisadas do que as actuaes, não respondemos nós.

Feita esta declaração, aventuraremos o nosso juiso — profano repetimos — sobre Verdi. Nas operas d'este compositor, notamos que a musica obedece e segue mais a palavra que n'outro qualquer. Desprendendo-se talvez das regras e preceitos, busca dar ao canto mais a idéa do dialogo ou da expressão geral da scena, tirando d'aqui effeitos mais prolongados. Observámos n'uma das suas ultimas producções, a *Traviatta*, que n'algumas scenas tentou até traduzir quasi a conversação ligeira e cortada que tanto distingue o original. Vê-se claramente que trata de aproximar o mais que pode estas condições. As harmonias acodem-lhe depois como a imagem ao poeta e elevam-se ás maiores alturas a que sobe a inspiração.

O *Attila* é uma das mais valentes e arrojadas concepções do distincto maestro. D'esta vez o desempenho não deixou avaliar devidamente as bellezas que encerra. Llorens, apesar de ser um cantor correcto, um artista de merito, faltam-lhe qualidades indispensaveis para o papel. A sua voz é pouco volumosa e não pode dominar a orchestra nas tremendas explosões que a musica indica, e que completam o caracter do homem. A arte e o sentimento ali não bastam, é necessario tambem a natureza; isto é, uma voz portentosa. Cumpre-nos porém fazer justiça ao cantor. Llorens empregou todos os esforços ao seu alcance para o bom exito da opera, e esmerou-se no canto a que deu todo o relevo que os seus recursos vocaes permittiam. Tanto que por differentes vezes soube arrancar palmas ao publico. Não aconteceu o mesmo ao tenor Saccomano, que desmereceu muito da opinião que d'elle formámos no *Othello*. Geralmente cantou sem gosto e quasi nenhuma correcção.

E a sr.ª Bernardi? É pouco o tempo para a admirarmos. Diante do bello todos se extasiam. Que mulher! Olhando-lhe para a physionomia não ha ali uma feição que não seja uma belleza; contemplando-lhe a figura todos os contornos são graciosos e perfeitos. Denominando-a a *bella das bellas*, como já ouvimos, entendemos dizer tudo e dizer a verdade.

Ora digam francamente, que mais se pode exigir de uma mulher tão formosa do que uma voz sympathica e agradavel? E não tem *ella* tambem esta qualidade? Como é pois possivel que ainda haja quem ouse queixar-se da artista! Quem fôr artista, e artista do coração, não o faz; diante d'ella cala-se e prostra-se.

Do *Trovador* as impressões foram superiores a toda a espectativa. Neri-Baraldi obteve um completo triumpho, e merecido. Realmente ha muitos annos que em S. Carlos não se ouve cantar com egual mimo, correcção, gosto, energia e sentimento. Estava devéras inspirado: commoveu e enthusiasmou. As palmas e os bravos romperamgeraes e espontaneos. Parece-nos que o insigne tenor dispunha d'uma maioria absoluta; em toda a sala talvez não houvesse um voto contra.

O barytono Beneventano, que debutou n'esta noite, é um cantor de primeira ordem, d'uma extraordinaria extensão de voz, d'um bello methodo de canto, e que desempenhou a sua parte brilhantemente. Pago o tributo devido ao seu merecimento, pedimos licença para fazermos duas pequenas observações, fundadas unicamente na impressão que recebemos, ouvindo-o. Para julgar um artista sempre entendemos desnecessaria a comparação com outro, ha porém casos em que insensivelmente, e a nosso pesar, não podemos deixar de a fazer.

O *Trovador* é das operas que ganhou maior prestigio e popularidade entre nós, e tendo sido interpretada sempre no nosso theatro pelo mesmo cantor a parte que coube agora ao sr. Beneventano, é impossivel que a recordação d'elle não venha avivar-se n'esta occasião. Leigos em musica, segundo já confessámos, não duvidamos conceder ao sr. Beneventano todos os predicados que completam um cantor. Ha porém uma parte, em que não nos julgamos leigos, e vem a ser na parte que toca o coração. Sentimos o que nos vae direito a elle, e para sermos justos devemos declarar que Bartholini n'este ponto, excedia-o e muito. Isto é para nós, para outros talvez seja o contrario. Nem todos sentem da mesma forma. Todavia estamos inclinado a crer que ha muita gente da mesma opinião. Quanto á voz, a de Bartholini era mais sonora e vibrante. Eis tudo o que podemos dizer a este respeito.

A sr.ª Parepa não prima ordinariamente no sentimento que dá ao canto, é verdade que resgata esta falta com a frescura da voz e a espontaneidade e facilidade da vocalisação.

A sr.ª Bodini (contralto) tem pouca voz, mas é actriz. Imprime ao caracter da cigana relevo dramatico.

Duas palavras agora sobre o theatro francez.

Ce que femme veut... e *Les deux aveugles*, são as duas novidades que ali appareceram desde a nossa ultima chronica. Novidades não, só uma d'ellas é que o é. *Ce que femme veut...* já tem sido representada por differentes vezes no theatro de D. Fernando, assim como todo o repertorio que nos tem apresentado até aqui mr. Luguet.

É inutil contar o enredo da comedia *Ce que femme veut...* resta-nos portanto dizer só o que pensamos da execução. Sinceramente é a melhor que ali vimos este anno. Confiada quasi exclusivamente a mademoiselle Roqueville e a mr. Carré, o exito foi lisonjeiro.

Accrescentaremos tambem, que, de todos os papeis que até agora tem desempenhado mr. Carré, é este o que mais nos satisfez. Teve bellos momentos comicos sem exageração, naturalmente, e repetiu alguns dialogos com toda a finura de intenções. É um actor consciencioso e muito familiarisado com a arte.

Les deux aveugles, é uma *pochade* impropria do theatro frequentado pela nossa primeira sociedade. A presença de Minne e a sympathia que este merece á platéa, foi o que lhe evitou a catastrophe.

No theatro normal continua a agradar a *Dama das Camelias*, e appareceu ultimamente em scena uma comedia n'um acto *A condessa de Sidiane*, que pouco ou nenhum interesse suscita.

Resuscitaram no Gymnasio a opera comica *A velhice namorada sempre leva surriada*, que tem attrahido bastante concorrencia. Taborda continua todas as noites a conquistar novas palmas e bravos no desempenho do popular fiel de feitos, *Simplicio da Paixão*, um dos melhores typos que o distincto actor tem creado.

ERNESTO BIESTER.

TYP. DO PANORAMA — Travessa da Victoria, 52.